

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE SÃO PAULO  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO

ARTE, MEMÓRIA E CIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DA  
CASA DO POVO NO BAIRRO DO BOM RETIRO EM SÃO PAULO

Manuella Chatrná Gomes

Orientadora:

Profa. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista

São Paulo

2023

Manuella Chatrná Gomes

ARTE, MEMÓRIA E CIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DA  
CASA DO POVO NO BAIRRO DO BOM RETIRO EM SÃO PAULO

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado  
como exigência parcial para obtenção do título de  
Tecnólogo em Gestão de Turismo pela FATEC-SP.

Orientadora:

Profa. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista

São Paulo

2023

GOMES, Manuella Chatrná

Arte, memória e cidade: uma análise a partir da experiência da Casa do Povo no bairro do Bom Retiro em São Paulo / Manuella Chatrná Gomes. São Paulo, 2023.

76 p.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação) – Faculdade de Tecnologia de São Paulo - SP, Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo.

Área de concentração: Turismo Cultural

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista

1. Arte. 2. Memória. 3. Cidade.

Manuella Chatrná Gomes

ARTE, MEMÓRIA E CIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DA  
CASA DO POVO NO BAIRRO DO BOM RETIRO EM SÃO PAULO

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado e  
aprovado como requisito parcial para obtenção do título  
de Tecnólogo em Gestão de Turismo pela FATEC/SP

Data: 14 / 06 / 2023

Componentes da banca:

---

Primeiro membro da banca  
Profa. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista

---

Segundo membro da banca  
Profa. Dra. Juliana Augusta Verona

---

Terceiro membro da banca  
Profa. Dra. Deborah Hornblas Travassos

Dedico este trabalho aos meus pais, pois parte de mim não seria capaz de continuar firme nessa jornada acadêmica sem o apoio e as palavras de carinho que me impulsionam a seguir adiante.

## AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento dedico à minha professora-orientadora, Sueli Soares dos Santos Batista, pelas aulas de *Sociedade, Espaço e Turismo* no quinto semestre do curso de Gestão de Turismo que me abriram os olhos para muitas questões relevantes; e, também, por aceitar a me auxiliar neste tema complexo, me incentivando a seguir com essa ideia. Nossas conversas foram muito valiosas e divertidas.

Meu segundo agradecimento dedico à Casa do Povo e ao Coordenador de Acervos da instituição por abrirem as portas para mim e me receberem, pois sem as visitas, as trocas, a imersão, os diálogos e a entrevista este trabalho não teria como ser concluído. Essa vivência foi fundamental não só para o andamento da pesquisa, como também para minha própria experiência dentro e fora da Casa com suas ações culturais, fazendo com que eu realmente me apropriasse do bairro onde fiz faculdade, deixando-me com um sentimento de pertencimento.

Agradeço às professoras Juliana Augusta Verona e Deborah Hornblas Travassos por aceitarem fazer parte da minha banca final do TCC e pelas aulas incríveis ao longo dos semestres do curso de Gestão de Turismo. Agradeço também ao professor Diego, que auxiliou nas entregas parciais do projeto desta pesquisa na disciplina de Projeto Integrador VI. E gostaria de deixar a minha admiração aos demais professores e professoras da Fatec São Paulo que me possibilitaram ter uma visão mais ampla sobre Turismo, Cultura, História, Hospitalidade, Sociologia, Geografia, Patrimônio Cultural e demais áreas estudadas. Foram aulas que me permitiram concluir que me interesse demais pelas ciências humanas e que, no momento da redação deste trabalho, me fizeram lembrar muitos assuntos interessantes.

Obrigada aos meus amigos Rafaella, Giovanna, Pedro e Mariana, por me apoiarem nesse momento final da faculdade e fazerem parte da minha vida, especialmente quando os estudos ficavam muito intensos e cansativos. Adoro estar com vocês!

Aos meus colegas de curso: agradeço a companhia durante esses anos em que compartilhamos os desafios da vida acadêmica.

Queria deixar registrado aqui também o meu amor e carinho incondicionais pelo meu cachorro, Rowlf, meu companheirinho de todas as horas, deixando a minha vida mais leve, apesar de toda a ansiedade e estresse gerados por toda a correria da vida.

Gostaria de agradecer à minha família, minha maior incentivadora e encorajadora a manter-me focada em meus estudos e que estão sempre de olho na minha saúde, bem-estar e felicidade. A meus pais, Jana e Thirson, à vovó Marie e à tia Sonilda, quero deixar um

agradecimento especial: obrigada por se preocuparem, por me apoiarem, por me amarem e por me ensinarem tanto. Não estaria aqui se não fosse pelo que vocês fazem por mim. Amo vocês demais!

*“Round my hometown  
Memories are fresh”*

(Adele – Hometown Glory)



## RESUMO

O presente estudo diz respeito às possibilidades culturais oferecidas no espaço urbano que proporcionam o contato com a arte de maneira interventiva e socializante como forma de atuação e reflexão relacionadas à memória da cidade. Considerando o território em que se insere a Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec SP), é possível verificar a dinamicidade da cena cultural em seus arredores, já que o Bairro do Bom Retiro se destaca por coletivos e equipamentos culturais, entre os quais se sobressai a Casa do Povo. A questão problema que se busca elucidar é: como a Casa do Povo, centro cultural no Bom Retiro, articula a arte e a cultura com a memória da cidade ao fazer uma integração com a população de seu entorno? Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a partir de autores que analisam o Direito à Cidade na relação com a arte e a memória. Como recurso metodológico também foi realizada uma pesquisa empírica de caráter exploratório a partir de visitas à Casa do Povo para maior compreensão de como tais temas se relacionam, bem como imersões no espaço e em atividades específicas propostas pela instituição, como é o caso do Passeio Sonoro pelo Bom Retiro. Conclui-se que a Casa do Povo, centro cultural criado em 1946, consegue articular, até os dias atuais, processos artísticos e culturais com a comunidade de seu entorno e com a memória da cidade de maneira cidadã e ativa, sempre em diálogo com o território.

**Palavras-chave:** Arte, memória e cidade. Espaço Urbano. Casa do Povo. Direito à Cidade. Turismo Cultural.

## ABSTRACT

The present study brings the cultural possibilities offered in the urban space that provide contact with art in an interventional and socializing way as a form of action and reflection related to the memory of the city. Considering the territory in which Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec SP) is located, it is possible to verify the dynamism of the cultural scene in its surroundings, since Bairro do Bom Retiro stands out for its cultural collectives and equipment, and an example is Casa do Povo. The problem that seeks to be elucidated is: how does Casa do Povo, a cultural center in Bom Retiro district, articulate art and culture with the memory of the city when integrating the surrounding population? In this sense, a bibliographical research was carried out, studying authors who analyze The Right to the City in relation to art and memory. As a methodological resource, an exploratory empirical research was also carried out based on visits to Casa do Povo for a better understanding of how these themes are related, as well as immersions in this space and in specific activities proposed by the institution, such as the Passeio Sonoro pelo Bom Retiro. The conclusion is that Casa do Povo, a cultural center created in 1946, manages to articulate, until the present day, artistic and cultural processes with the surrounding community and with the memory of the city in an active and citizen way, always in dialogue with the territory.

**Key words:** Art, memory and city. Urban Space. Casa do Povo. The Right to the City. Cultural Tourism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Fachada da Casa do Povo.	38
Figura 2	Entrada da Casa do Povo.	39
Figura 3	Formas orgânicas do trabalho do artista Rodrigo Andrade preenchendo as paredes dos andares da Casa do Povo.	40
Figura 4	Detalhe de "50 Tons de Vermelho", do artista Rodrigo Andrade.	40
Figura 5	Jardim no teto-terraço da Casa do Povo.	41
Figura 6	Sala das aulas de Boxe Autônomo da Casa do Povo.	42
Figura 7	Um dos amplos espaços da Casa do Povo, no andar térreo.	42
Figura 8	Acervo da Casa do Povo.	43
Figura 9	Detalhe do Acervo da Casa do Povo com as bandeiras do Levante do Gueto de Varsóvia.	43
Figura 10	Parte da Biblioteca móvel da Casa do Povo.	44
Figura 11	Outra grande e ampla sala da Casa do Povo	44
Figura 12	Destaque para as grandes janelas da Casa do Povo.	45
Figura 13	Mapa: roteiro percorrido no Passeio Sonoro pelo Bom Retiro.	46
Figura 14	<i>Printscreen</i> da plataforma SoundCloud onde é possível encontrar as 36 faixas do Passeio Sonoro pelo Bom Retiro de forma gratuita no perfil da Casa do Povo.	47
Figura 15	Mercearia coreana localizada em frente à Casa do Povo, na Rua Três Rios.	49
Figura 16	Destaque para a bebida alcoólica coreana chamada Soju.	49
Figura 17	Fachada da Oficina Cultural Oswald de Andrade, na Rua Três Rios.	50
Figura 18	Fachada do Colégio Santa Inês.	51
Figura 19	Restaurante Dare.	52
Figura 20	Placas da esquina das ruas da Graça, Correia de Melo e Ribeiro de Lima, onde ficava o Pletzl.	53
Figura 21	Entrada do Centro Comercial Bom Retiro.	54
Figura 22	Detalhe de “dentro” do Centro Comercial Bom Retiro.	55

Figura 23	Pequeno obelisco que representa o Marco de Fundação do Sport Club Corinthians Paulista, datado de 1º de setembro de 1910.	56
Figura 24	Restaurante Falafel Malka.	56
Figura 25	Carro-chefe do restaurante: o falafel.	57
Figura 26	Vila Micheli Anastasi.	59
Figura 27	Beco de entrada da Vila Micheli Anastasi.	59
Figura 28	Fachada do Restaurante Acrópolis.	60
Figura 29	Interior do Restaurante Acrópolis.	61
Figura 30	Feira do Bom Retiro.	62
Figura 31	Vista de fora do Emporium Brasil Israel (ou também conhecida como Mercearia Judaica Menorah).	63
Figura 32	Pães típicos da comunidade judaica.	64
Figura 33	Antiga CadoPô, ou Torre da Memória nos dias atuais.	66
Figura 34	Praça Coronel Fernando Prestes.	66

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. O DIREITO À CULTURA NO ESPAÇO URBANO: ARTE, CIDADE E MEMÓRIA..	18
2. O CENÁRIO DA PESQUISA: CONHECENDO O BOM RETIRO E A CASA DO POVO.....	27
2.1 A Casa do Povo.....	28
2.2 Imersão na Casa do Povo e em seus projetos: a cultura,a cidade e a memória em movimento.....	32
2.2.1 Observação da Casa do Povo .....	36
3. PASSEIO SONORO PELO BOM RETIRO.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74

## INTRODUÇÃO

As práticas culturais e artísticas estimulam o espaço urbano a ser mais democrático. A arte, quando valorizada nas cidades, é um importante instrumento de preservação de memórias e histórias. É com ela que é possível estabelecer sentido nas vivências do dia a dia ou até ressignificar aquilo que já é conhecido, uma vez que possibilita o entendimento de diferentes narrativas, aguça a consciência crítica de quem a frui e a interpreta, visa a alteridade, pode possuir um caráter ativista – ou “ativista” – e permite que as pessoas se apropriem do espaço urbano com o seu uso. Como afirma Bugler *et al.* (2019, p. 12) “A arte é um dos elementos fundamentais da civilização, sem a qual nenhuma cultura ou sociedade importante jamais prosperou”. É quase impossível pensar numa cidade, num espaço urbano, que não tenha a arte como parte integrante de sua história e da vivência dos cidadãos.

Preservar a memória urbana por meio da arte motiva a criação de espaços coletivos propícios para a convivência nas cidades e o exercício da alteridade e empatia entre os cidadãos. A convivência urbana é essencial porque o ser humano é um ser social, ou como explica Kormikiari (2019), “o ser humano é um animal gregário, um ser vivo que necessita dos laços sociais com seus pares”. A antropologia, que surgiu nos séculos XVIII e XIX, segundo Mathias (2014, p. 11), é uma ciência “que estuda o ser humano e suas práticas culturais”.

A cultura, no meio urbano, já é um meio de sociabilização; quando a estudamos juntamente com as relações sociais que dela derivam, entendemos o próprio ser humano, como ele foi moldando o seu entorno conforme suas necessidades e vontades ao longo do tempo. Segundo Fingermañ (2019, p. 60), “Fazer de um espaço de cultura um espaço de sociabilização é permitir que o espaço seja vivo e se transforme com os seus usos”, isto é, fazer a sociedade participar ativamente de sua cultura faz com que aconteçam laços, conexão e identificação com outras pessoas e permita a noção de pertencimento.

Com isso, o tema da presente pesquisa diz respeito às possibilidades culturais oferecidas pelo espaço urbano que proporcionam o contato com a arte de maneira interventiva e socializante como forma de atuação e reflexão políticas relacionadas à memória da cidade.

Considerando o território em que se insere a Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec SP), é possível verificar a dinamicidade da cena cultural em seu entorno, já que o Bairro do Bom Retiro se destaca por coletivos e equipamentos culturais, entre os quais a Casa do Povo se sobressai. Foi a pluralidade étnica que permitiu ao bairro ser multicultural e multifacetado.

O Bom Retiro possui uma memória paulista da fundação da própria cidade e de sua centralidade, mas que se mescla com outras memórias de outros povos que ali se fixaram. O bairro foi sendo moldado e ocupado com base na convivência entre as diferenças, sendo a Casa do Povo um espaço significativo desse processo. Fundada em 1953 no bairro do Bom Retiro por judeus que ali viviam, é uma instituição e centro cultural que acolhe, desde sua criação, os moradores do bairro e quem mais desejar participar. Oferece cursos, palestras e diferentes atividades através dos coletivos que a habitam.

Desse modo, a questão problema que se busca elucidar é: como a Casa do Povo, centro cultural no Bom Retiro, articula a arte e a cultura com a memória da cidade ao fazer uma integração com a população de seu entorno?

O objetivo geral é compreender como as práticas culturais proporcionam um diálogo entre arte, memórias e cidade. Já os objetivos específicos, são: a) entender como se deu (e se dá) a construção da Casa do Povo e sua importância histórica para o bairro e para a cidade; b) estudar as práticas culturais promovidas pela Casa do Povo e que potencializam o diálogo entre memória, arte e cidade e c) escolher uma das práticas culturais promovidas pela Casa do Povo que se enquadra nos objetivos da pesquisa e que traz elementos importantes para o Turismo Cultural no espaço urbano.

Este estudo foi realizado com o método de pesquisa qualitativo, utilizando-se de pesquisa bibliográfica e empírica de caráter exploratório em relação aos objetivos, bem como levantamento e análise documental e iconográfico relacionados à Casa do Povo, com a intenção de correlacionar os dados para a interpretação dos resultados. Com base no livro “Metodologia de Pesquisa em Lazer e Turismo” sobre técnicas de pesquisa, de A. J. Veal (2011), professor adjunto da University of Technology Sydney, “[...] as pesquisas teóricas e empíricas coexistem e aperfeiçoam uma à outra [...]” e, ainda segundo o autor, a “abordagem exploratória é mais focada e procura descobrir pesquisas existentes que possam auxiliar na questão ou no assunto de determinada pesquisa” (Veal, 201, p. 187), e, por isso, esse método de pesquisa foi escolhido.

Os métodos utilizados para a coleta de informações se deram, sobretudo, pela pesquisa qualitativa bibliográfica em livros de autores como Henri Lefebvre em “O direito à cidade” (2009); Giulio Carlo Argan em “História da Arte como História da Cidade” (2005), Fernando Catroga em “Memória, história e historiografia” (2015) e Jacques Le Goff em “História e Memória” (2003), especificamente da página 419 a 526, no capítulo sobre “Memória”; revistas acadêmicas (como a revista *Memoricidade*, do Museu da Cidade de São Paulo) e artigos científicos sobre arte, memória, espaço público e cultura foram consultados.

Henri Lefebvre (2009), sociólogo e filósofo francês, em seu livro “O direito à cidade”, escrito num contexto de profundas modificações no tecido urbano de Paris, contribuiu para a compreensão de como se dá a construção social do espaço urbano e como nós, indivíduos de nossas sociedades, temos, entre outros direitos, o direito à cidade, à arte e à cultura. Já Giulio Carlo Argan (2005), crítico de arte italiano, em seu livro “História da Arte como História da Cidade”, traça um paralelo entre a história da cidade e a história da arte, ou seja, ambas estão intimamente relacionadas, já que a cidade carrega nossos valores culturais, seja nos museus e nos patrimônios históricos e culturais, seja nos arquivos, nos livros e em outros documentos; e, de maneira semelhante, Argan segue na linha de pensamento Lefebvrina de que há uma crise na cidade e, conseqüentemente, na arte.

Fernando Catroga (2015), historiador português, com seu livro “Memória, história e historiografia”, contribui com seus estudos sobre como podemos fazer uma leitura do passado e como esse passado é construído historicamente, deixando vestígios (traços) em nossas sociedades. De maneira semelhante, Jacques Le Goff (2003), com seu livro “História e Memória”, no capítulo dedicado exclusivamente aos estudos sobre a Memória, o autor aborda que a memória está relacionada à vida social e que, para ser preservada, são criados mecanismos, como monumentos e documentos, corroborando, assim, com Catroga de que existem traços de momentos anteriores (vestígios históricos).

Além destes autores, outros artigos e ensaios, como os da Revista Memoricidade do Museu da Cidade de São Paulo, foram utilizados para um embasamento teórico mais contundente acerca desses temas. Sobre o bairro do Bom Retiro, o livro disponível on-line “O Bairro do Bom Retiro”, da série História dos Bairros de São Paulo, do Arquivo Municipal da cidade, também foi consultado, assim como o site da prefeitura da cidade.

Aliadas à pesquisa bibliográfica, foram realizadas visitas *in loco* para escuta e observação quanto ao histórico e ao funcionamento da Casa do Povo. A pesquisa de campo na instituição chamada Casa do Povo – ou também conhecida como Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB) –, local que promove as noções de cultura e arte integradas à cidade, também fez parte do instrumento de coleta de dados da pesquisa.

Em busca de suas informações e características, o site institucional foi utilizado e uma entrevista não-estruturada com o Coordenador de Acervos da Casa do Povo foi realizada. Essa entrevista não-estruturada foi agendada com antecedência via aplicativo de mensagem e aconteceu juntamente com a professora-orientadora desta pesquisa no dia 11 de abril de 2023. Para fins de registro, foi utilizada uma agenda para anotar o que era dito durante a conversa. Foram elaborados tópicos gerais para que o entrevistado pudesse discorrer sobre a instituição,

a gestão e a relação com o bairro em que a Casa do Povo está inserida. Com esse tipo de entrevista mais aberta em que o entrevistado possuiu liberdade para comentar sobre o centro cultural, e em consonância com a finalidade exploratória da pesquisa, buscou-se obter características da Casa do Povo de uma pessoa que estivesse ativamente inserida na instituição e que pudesse contribuir de forma mais precisa para fornecer as informações sobre esse centro cultural.

Além disso, com a observação não-participante realizada de maneira individual ocorrida em dois dias – 06 de abril e 10 de maio de 2023 –, foi possível entender os espaços do centro cultural, caminhar por entre seus andares e entender o seu funcionamento. Informações gerais – como o que era cada espaço, como funcionava a programação e a liberdade de tirar fotos do local – foram passadas pelo segurança nos dois dias visitados.

De forma a examinar uma ação específica da Casa do Povo que se aproximasse das questões sobre arte, memória e cidade pesquisadas e desenvolvidas nesta monografia, o roteiro com o audioguia “Passeio Sonoro pelo Bom Retiro”, de 55 minutos, produzido pela Casa do Povo em parceria com o Estúdio Zut, foi escolhido, e é parte dos resultados obtidos com a pesquisa exploratória, juntamente com a entrevista não-estruturada e a observação não-participante.

O passeio aconteceu em dois dias distintos (em 18 e 25 de maio de 2023) e de maneiras diferentes. No primeiro dia (18 de maio), o roteiro foi realizado com a turma do quinto semestre de Gestão de Turismo da Fatec São Paulo, do período matutino, com cerca de 15 pessoas participantes, juntamente com a professora-orientadora desta pesquisa. No entanto, a visita não conseguiu percorrer todos os pontos do roteiro devido ao horário (pois os 55 minutos foram ultrapassados ainda na metade do percurso), ficando para o segundo dia a sua realização completa. No 25 de maio, o percurso foi realizado em dupla: a autora deste trabalho e uma colega da turma do 6º semestre de Gestão de Turismo e, dessa vez, todo o trajeto foi realizado sem maiores dificuldades, mas, ainda assim, ultrapassando o tempo proposto pelo roteiro. Nos dois dias visitados, registros e fotografias foram realizados.

Na primeira seção do estudo tratamos sobre os termos – e seus conceitos – básicos principais que norteiam o entendimento desta pesquisa: arte, espaço urbano e memória como fundamentos do exercício do direito à cultura e à cidade.

A segunda seção é dedicada à Casa do Povo no Bairro do Retiro, na capital paulista, apontando, a partir de pesquisa documental e empírica, o papel que tem exercido para a criação de identidades e memórias culturais na cidade.



A terceira e última seção, antes das considerações finais, apresenta o Passeio Sonoro pelo Bairro do Bom Retiro que foi concebido e viabilizado pela Casa do Povo como fundamental experiência que articula arte, memória e cidade na busca do direito à cultura, contribuindo para intervenções associadas ao Turismo Urbano e Cultural.

## **1. O DIREITO À CULTURA NO ESPAÇO URBANO: ARTE, CIDADE E MEMÓRIA**

A cultura é colocada na Constituição Federal do Brasil, de 1988, como um direito. Em seu Artigo 215, trata sobre os direitos culturais do cidadão brasileiro: “Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (Brasil, 1988, p. 125). Ou seja, a cultura e aquilo que dela provém são fundamentais para a existência humana e recordação daquilo que já se passou, e ter acesso a essa memória e história, tradições e modos de fazer se constituem, então, em um direito.

Cultura possui conceitos muito amplos, que dão margem para muitos significados – não há uma conformidade de opiniões a respeito do tema entre seus pesquisadores. Entre elas, um conceito antropológico de Mathias (2014), em seu livro *Antropologia e Arte*, define cultura como um “elemento fundante e determinante de nossa sociedade” (Mathias, 2014, p. 21), ou seja, o homem é um ser cultural que produz cultura. De maneira geral, como afirmam Rubim e Rocha (2012, p. 140), pesquisadores e organizadores do livro didático da UFBA sobre Políticas Culturais, ao se falar sobre cultura, falamos, sobretudo, do encontro de diferenças: “Na sua heterogeneidade, a cultura é permeada pelas questões da diversidade e diferenças étnico-culturais; de situação etária; de gênero; de opções sexuais; de pessoas com deficiência; etc.” (Rubim; Rocha, 2012, p. 140).

É com essas diferenças no meio social que podemos ter uma conduta de enfrentamento de preconceitos e estereótipos, e esse enfrentamento só pode ser realizado quando uma sociedade valoriza as diferentes culturas nela inseridas, suas diferentes manifestações e práticas artísticas e sociais. Contudo, o foco do presente trabalho não é necessariamente teorizar a respeito do que é entendido como cultura, mas, sim, abordar sobre um espaço de cultura, entendido como centro cultural – a Casa do Povo – que possui maneiras de ocupar e habitar a cidade de São Paulo de um modo distinto, por meio de práticas artísticas e de outras ações culturais que visam a transformação social, uma vez que procura pela inserção de diferentes camadas sociais da cidade em suas atividades.

Desse modo, o centro cultural aqui descrito funciona como um local de valorização artística e de valorização da coletividade. Ele se distancia, de certa maneira, de locais que possuem a lógica da cultura como consumo imediato, ou seja, como produto, de caráter mercantil pela indústria cultural e de entretenimento (como é o caso das mídias), sendo, por

outro lado, feito para ser um lugar de convivência e aprendizado de atividades artísticas manuais e contato com o diferente.

Segundo Fingermann (2019, p. 21), sobre cultura e espaços culturais:

[...] falamos longamente de cultura como substantivo, para que não mais seja entendida como uma qualificação, na expressão ‘espaços culturais’, mas sim como a natureza desses espaços. Isto é, esses espaços não são edificações vazias, recipientes nos quais a cultura é colocada. Estes são espaços de cruzamentos, de encontros entre pessoas e ambientes, que se propõem não como se fossem ilhas definidas por muros materiais ou imateriais que os separam do ambiente e dos supostos outros. Estes são espaços de fomento aos encontros das diferenças, configurando-se, portanto, como termômetros de uma constante reconfiguração, extremamente sensível às relações entre sujeitos e ambiente (Fingermann, 2019, p. 21).

Segundo a autora, os espaços culturais propõem esse encontro entre pessoas e entre pessoas e suas tradições, costumes e práticas. Entendemos a cultura como uma ação humana, ou seja, é tudo aquilo que o homem cria, sejam suas ideias, seus costumes, seus modos de vida, modos de alimentação, produção artística, crenças e tradições. Assim, enquanto seres humanos, temos o direito de acesso à cultura da qual fazemos parte.

Lefebvre (2009), filósofo marxista e sociólogo francês que, entre outros assuntos, estudou a produção do espaço, traz em seu livro, *O Direito à Cidade*, o direito coletivo que temos, enquanto cidadãos, de ocupar e mudar a cidade, de habitar, de ter o acesso ao lazer, à individualização na socialização, o direito à apropriação e à liberdade, assim como o direito à arte, que também deve estar presente na prática social (Lefebvre, 2009, p. 134).

De modo semelhante, para Argan (2005), teórico, historiador e crítico de arte italiano, propõe em seu livro *História da Arte como História da Cidade* reflexões entre a fenomenologia da arte com o desenvolvimento das cidades, e discorre que há uma identidade entre arte e cidade, isto é, não há cidade sem arte; a história da cidade é a história da arte e vice-versa, já que a arte é uma “atividade tipicamente urbana, não apenas inerente, mas constitutiva da cidade” (Argan, 2005, p. 2). Ainda segundo Argan (2005), “Desde a antiguidade mais remota, a cidade configurou-se como um sistema de informação e de comunicação, com uma função cultural e educativa” (Argan, 2005, p. 244) que todos devem ter acesso, e não somente as minorias.

Ambos os autores trazem, de forma semelhante, a ideia de crise da cidade. Para Lefebvre (2009), é com a produção industrial e o capitalismo concorrencial que essa crise se inicia, havendo um deslocamento dos moradores dos centros urbanos para as periferias – o que ele chama de “suburbanização” (Lefebvre, 2009, p. 25) –, sendo um processo que descentraliza a cidade, afastando as camadas mais pobres e vulneráveis ao tornar o espaço urbano e sua

centralidade em um canal de absorção de capital excedente das empresas, o qual é investido na urbanização; no entanto, segundo suas reflexões, o ocupar e o apropriar-se da cidade por parte dos cidadãos são necessários como forma de oposição à classe dominante e à privatização, já que é preciso voltar a habitar a cidade e torná-la mais humana e de uso comum. Argan (2005), nessa mesma linha de pensamento, trata que a cidade é fruto de um acúmulo cultural que deve ser um espaço da vida comunitária, mas que, na verdade, o “espaço urbano em geral é privado e objeto de especulação” (Argan, 2005, p. 88), o que vem a gerar uma destruição da história e da cultura em detrimento de valores mercadológicos. Ainda segundo ele:

A verdadeira crise na cidade manifesta-se não apenas em uma diminuição do seu nível cultural, mas também na perda do seu caráter original de organismo cultural. Essa queda de valor é determinada pelo fato de que a cidade não é mais um bem e um instrumento da comunidade, cujo esforço tendente a uma finalidade comum facilita, mas um objeto de exploração por parte de uma minoria privilegiada. (Argan, 2005, p. 257).

No sentido de retomar a cidade como um espaço de uso comum, tanto Lefebvre (2009), quanto Argan (2005), apontam a arte como transformadora do espaço urbano, uma vez que ela tem o destino de servir à sociedade urbana e à vida cotidiana nessa sociedade (Lefebvre, 2009, p. 7). É transformadora pois demonstra modos de ocupar a cidade, de habitá-la, de torná-la mais humana. Não é à toa que muitos dos espaços coletivos, dentre eles os centros culturais – como é o caso da Casa do Povo, que será vista mais adiante – promovem encontros entre os cidadãos com a arte como forma de democratizar seu acesso, de tornar a arte, a produção humana, disponível a combater a exclusão social e dar visibilidade e reconhecimento àqueles que são excluídos da participação no espaço urbano.

Com objetivo de contextualizarmos o que vem a ser a arte e sua relação com a vida em sociedade e com as cidades, trazemos, nestes parágrafos, o seus significados. Entende-se como arte tudo aquilo que se origina da capacidade criadora do homem e se relaciona com os signos por ele criados; ou seja, ao falarmos de arte, falamos de símbolos e representações do cotidiano dos seres humanos e como os interpretamos. Hodge (2021), especialista em História da Arte, traz contribuições acerca do papel que a arte desempenha em nossas sociedades. Segundo ela, em seu livro *Breve História da Arte*, a intenção da arte varia de tempos em tempos, a depender se é influenciada pelos contextos social, político, religioso e econômico (Hodge, 2021, p. 6).

De fato, a arte dialoga com o seu tempo, isto é, com seu momento de criação e produção, podendo apresentar diferentes significados e se dar de diversas maneiras, ou de diversas linguagens artísticas – seja a pintura, escultura, desenho, fotografia etc. –, a depender da mensagem que se quer passar ou se apenas servirá para ser apreciada, fruída, para desencadear alguma emoção, ou transmitir conceitos como verdade, beleza, morte ou vida (Hodge, 2021).

Seguindo nessa ideia de que o significado da arte depende de seu tempo de criação, Argan (2005), afirma que “Qualquer discurso sobre a arte não pode dizer respeito à arte em geral, mas à precisa condição da arte e dos estudos sobre a arte numa determinada situação histórica” (Argan, 2005, p. 85).

A arte, mesmo que dependa de seu tempo histórico para ser entendida, também é passível de resignificação, trazendo aquilo que era pertencente ao passado, ao presente. É o que também afirma Argan (2005): “A força da arte está em atingir com um interesse atual um ponto do passado e torná-lo presente. O que se poderia tornar presente, se não o passado? Na arte, pode-se-ia dizer, nada se cria, tudo renasce” (Argan, 2005, p. 37). Assim, aquele que recebe a arte num momento diferente daquele em que foi produzida, coloca, sobre ela, uma outra percepção, transmutando seus significados com base em seu próprio olhar crítico e com base em suas próprias vivências.

Segundo Argan (2005, p. 43), “[...] a arte aparece como uma atividade tipicamente humana. E não apenas inerente, mas constitutiva da cidade [...]” e, ainda de acordo com ele, a cidade não deve ser entendida apenas como uma área delimitada por funções públicas e privadas, nem por suas construções, mas como espaço urbano, que se caracteriza por abranger desde os elementos e arquiteturas dos centros urbanos e das casas particulares, até a zona rural, as casas que dela fazem parte e as áreas de preservação ambiental (Argan, 2005, p. 43). Dessa forma, e aproximando as ideias de Argan (2005) com as de Lefebvre (2009, p. 134), “[...] o futuro da arte não é artístico, mas urbano. Isto porque o futuro do “homem” não se descobre nem no cosmo, nem no povo, nem na produção, mas na sociedade urbana.”.

Ainda em se tratando sobre como a arte está intrinsecamente ligada ao urbano, a Professora Doutora da USP, Amaral (2020), em seu artigo na revista *Memoricidade* do Museu da Cidade de São Paulo, em que aborda sobre as práticas artísticas realizadas por coletivos e artistas que tenham relação com a memória coletiva, coloca que

[...] as práticas artísticas atuais consistem, em geral, em voltar a caminhar na cidade (praticar a deriva urbana), percorrê-la, redescobri-la, observá-la, mapeá-la, cartografá-la, reinventá-la, criar novos sentidos utilizando todos os meios disponíveis. Assim, ao fortalecerem a dimensão cultural do espaço público, atuam como expressão política (Amaral, 2020, p. 60).

É na sociedade urbana que a arte se desenvolve. Sem o contato com o outro, sem o contato com a arte e a cultura e sem essa interligação entre as pessoas, não haveria cidade. “Quando se fala em crise e morte da arte, fala-se também em crise e morte da cidade” (Argan, 2005, p.78). E, complementando esse raciocínio de que arte e cidade estão intimamente relacionadas, Lefebvre (2009) declara:

Necessária como a ciência, não suficiente, a arte traz para a realização da sociedade urbana sua longa meditação sobre a vida como drama e fruição. Além do mais, e sobretudo, a arte restitui o sentido da obra; ela oferece múltiplas figuras de tempos e de espaços apropriados: não impostos, não aceitos por uma resignação passiva, mas metamorfoseados em obra. A música mostra a apropriação do tempo, a pintura e a escultura, a apropriação do espaço (Lefebvre, 2009, p. 116).

É com a arte – não somente a arte disponível em espaços restritos, como os museus, mas também a arte urbana e de diferentes coletivos que a usam para se expressar – que é possível ligá-la com a realidade e com os sujeitos. Segundo Oliveira (2020, p. 9), professora da USP e pesquisadora em arte, em seu ensaio na revista *Memoricidade* sobre como o conceito de cidade vem se transformado ao longo do tempo pelos grupos minoritários que buscam reivindicar que suas memórias possuam tanta importância histórica quanto outras, coloca que

[...] o espaço urbano não é homogêneo nem acessível a todos os habitantes [...] Notória por seu modelo de exclusão, a cidade contemporânea proporciona desemprego, trabalho informal, preconceito de raça e de gênero, paisagens de pobreza e violência que alteram sua espacialidade (Oliveira, 2020, p. 9).

Apesar de não ser homogênea e sofrer com todas essas mazelas, é nas cidades onde as pessoas buscam por referências de como relacionar suas memórias e experiências com aquilo que é oferecido, “[...] como os grafites, as pichações, a literatura, as fotografias e as intervenções [...] Eles buscam nas ruas, nos edifícios e nos demais espaços os resquícios de suas identidades — suas memórias cindidas” (Oliveira, 2020, p. 9). Arte é conhecimento, arte é história, arte é memória e arte é, acima de tudo, aproximação. De acordo com Lefebvre (2009), e se aproximando dessa ideia de que o espaço urbano precisa ser ocupado e apropriado por meio da arte para incluir as minorias, o autor expõe: “[O urbano] É uma forma mental e social, a forma da simultaneidade, da reunião, da convergência, do encontro (ou antes, dos encontros)” (Lefebvre, 2009, p. 86).

Quando nos referimos à palavra memória relacionada às cidades, estamos tratando do ato de preservar e proteger algo em algum tempo e lugar como forma de recordar aquilo que já se passou e perpetuar suas características no presente e no futuro.

Fernando José de Almeida Catroga, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e historiador português, traz em seu livro *Memória, História e Historiografia* interrogações sobre o esquecimento, sobre a leitura dominante de memórias seletivas do passado que nos é contado e sobre como a memória revisitada nos dias de hoje em nossas sociedades coloca o ser humano como um ser histórico e dentro de uma esfera social de interações. Segundo o autor, a memória no espaço urbano abarca diferentes memórias: a individual, que já está inserida numa “memória que o socializa, quer a sua estratégia de vida,

quer os seus sentimentos de pertença e de adesão ao coletivo" (Catroga, 2015, p. 12), e a coletiva:

Na experiência vivida, a memória individual é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais etc.) em permanente construção, devido à incessante mudança do presente em passado e às alterações ocorridas no campo das re-presentações (ou re-presentificações) do pretérito (Catroga, 2015, p. 11).

Nessa linha de raciocínio de que a memória está inserida numa coletividade, Jacques Le Goff, historiador francês especialista em Idade Média, no ensaio intitulado Memória, do livro “História e Memória”, o autor aborda sobre os desenvolvimentos da transmissão da memória no passado, desde as sociedades sem escrita, até a contemporaneidade. Nesse sentido, Le Goff (2003) trata da importância de se considerar uma memória que represente um todo:

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (Le Goff, 2003, p. 471).

Ao falarmos sobre memória, logo vem à mente a palavra história – Catroga (2015) já dizia que a historiografia (ou simplesmente os estudos sobre como a história é contada) deriva da memória, ou, em seus dizeres, “nasceu sob o signo da memória”; isto quer dizer que estão intrinsecamente relacionadas.

Catroga (2015) e Le Goff (2003) expõem em suas reflexões que a memória elabora uma representação daquilo que já aconteceu para dialogar com o momento atual e com as vivências de cada indivíduo. Ainda segundo Catroga (2015), a memória é uma narrativa constante de determinado acontecimento do passado com o objetivo de enfrentar a amnésia – ou seja, “[...] dar uma resposta a uma eminente ameaça de esquecimento [...]” (Rubim; Rocha, 2012, p. 84) – e continuar propagando-a, de forma viva.

Em relação à amnésia e ao prejuízo que esse esquecimento pode gerar na coletividade como um todo, Le Goff (2003) coloca que

[...] num nível metafórico, mas significativo, a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva (Le Goff, 2003, p. 421).

De forma a combater a amnésia, as sociedades passaram a criar ferramentas para preservar aquilo que consideravam importante. Para Catroga (2015), são essas ferramentas – imagens, relíquias, lugares, escrita e monumentos – que são transmitidos ao coletivo, uma vez que tais registros anteriores (conhecidos como *traços*) são reavivados por “[...] suportes

materiais, sociais e simbólicos” (Catroga, 2015, p. 24). Dessa mesma forma, Le Goff (2003), também discorre sobre os dois tipos de materiais utilizados como herança do passado, são eles: os monumentos – definidos por serem uma “herança do passado” e “[...] tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos” – e os documentos – que fazem parte da “escolha do historiador” (Le Goff, 2003, p. 526).

Ainda segundo Le Goff, os registros são imprescindíveis para tratar sobre a história e memória coletiva, já que “Enquanto conhecimento do passado (cf. passado/presente), a história não teria sido possível se este último não tivesse deixado traços, monumentos, suportes da memória coletiva” (Le Goff, 2003, p. 525).

Mas a questão é: o que preservar? Tratar sobre memória é um debate amplo. Para a professora Maria Cristina Kormikiari, historiadora pela USP, na entrevista de 2019 sobre memória, identidade e patrimônio cultural produzido pela Casa do Saber,

[...] há uma necessidade de nós mantermos uma memória, o mais democrática possível, incluindo todos os vários grupos sociais que compõem uma nação. Não basta apenas preservar a memória de um grupo específico, a gente tem que procurar preservar a memória de todos os grupos sociais (Kormikiari, 2019).

Não é à toa que a memória se relaciona com processos identitários, uma vez que, no contato com a história e memória passadas, as pessoas formam suas próprias memórias, experiências, vivências e, portanto, conseguem dizer quem são (qual a sua identidade). Como afirma Kormikiari (2019), “Ao mesmo tempo em que temos uma individualidade, uma identidade pessoal, essa identidade pessoal se cruza com identidades grupais, com identidades sociais maiores”. Nesse sentido, Magnani (2020), professor do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, entrevistado da revista *Memoricidade* sobre as invisibilidades na dinâmica cultural urbana, também argumenta que

[...] a cidade, seja qual for sua escala, apresenta um elemento diferenciador: a presença do “outro”, ou seja, aquele com quem se entra em contato para além dos vínculos de parentesco ou comunitários. A cultura urbana estabelece convenções que permitem estabelecer trocas, reconhecer diferenças, encarar conflitos entre estranhos” (Magnani, 2020, p. 75).

Para Catroga (2015, p. 13), e em consonância com as reflexões de José Guilherme Magnani, “[...] recordar é em si mesmo um acto relacional, ou melhor, de alteridade”, isso quer dizer que, ao recordarmos algo, estamos saindo de nosso estado comum ao irmos em direção a uma história humana que já se passou – portanto, é diferente –, e que possui algo a nos ensinar, ou seja, temos um constante contato com “um outro que já foi” (Catroga, 2015).



Se não soubermos daquilo que algum dia se passou, não saberemos quem somos, o que conquistamos, o que ainda precisamos conquistar. Sem memória seríamos seres acrílicos, passivos. A memória revive um acontecimento antigo e, quando colocada para ser discutida, pensada, debatida, faz nos identificarmos como parte integrante de um todo. Le Goff (2003), contribui, colocando que a “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (Le Goff, 2003, p. 469).

Para que consigamos ter acesso a essas memórias passadas, precisamos entender que a memória é um direito à cidade, assim como os outros direitos debatidos por Lefebvre. Mas o que vem a ser o direito à cidade? Segundo Henri Lefebvre (2009),

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade (Lefebvre, 2009, P. 134).

Para Lefebvre, portanto, o acesso à cultura também deve ser uma questão fundamental no que tange o direito à cidade. Os direitos culturais estão ligados ao direito à cidade também para Argan (2005, p. 256), quando afirma que:

Há uma razão mais profunda pela qual a cidade é uma entidade histórica e como tal deve ser conservada. A grande cidade é uma concentração de valores culturais: monumentos, museus, bibliotecas, arquivos etc. (ARGAN, 2005, p. 256).

É nesse sentido que Lefebvre (2009) também comenta que a cidade é dotada de uma história e se assemelha a uma obra de arte, já que é produzida de e para seres humanos, assim como a arte. A cidade depende das “[...] relações diretas entre as pessoas e grupos que compõem a sociedade (famílias, corpos organizados, profissões e corporações etc.)” (Lefebvre, 2009, p. 51-52). E reforça que

[...] a cidade é a obra a ser associada mais com a obra de arte do que do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; ela é obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas (Lefebvre, 2009, p. 52).

Para exercermos o direito à cultura, também é preciso haver transformações sociais que permitam as existências de diferentes grupos sociais de maneira concomitante em espaços diversos sem o preconceito. Sua inclusão nos aparatos culturais que a cidade oferece é necessária, já que oferecerá acesso às memórias desses grupos excluídos. Nesse sentido, Le

Goff (2003), complementa que a memória é formada não por um, mas por diversos atores, em que podemos encontrar os lugares da história: “Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória” (Le Goff, 2003, p. 467). Os patrimônios culturais são outro exemplo de como a história e a memória são contadas pelas cidades e como são equipamentos importantes no que se refere ao direito à cidade.

## **2. O CENÁRIO DA PESQUISA: CONHECENDO O BOM RETIRO E A CASA DO POVO**

Faz-se necessário discorrer um pouco sobre o surgimento e as características do bairro, uma vez que a delimitação do tema e da questão problema da presente pesquisa referem-se à Casa do Povo, centro cultural localizado no Bom Retiro, a qual atua ativamente em seu entorno (no bairro) através de suas atividades.

Segundo Dertônio (1971, p. 11) O Bom Retiro, de 1828 a 1872, foi uma área da cidade de São Paulo composta por chácaras para o “retiro”, descanso e lazer de final de semana – daí vem o nome do bairro, quando uma chácara, com nome “Bom Retiro”, foi loteada para abrir ruas e vender terrenos para os trabalhadores das indústrias construírem suas casas. Foi nessa época que começaram a chegar os primeiros imigrantes à São Paulo e, assim, a se estabelecerem no Bom Retiro. De início, os imigrantes europeus eram, em sua maioria, italianos.

O bairro cresceu, sobretudo, com a construção da São Paulo Railway, ou Estrada de Ferro Inglesa, em 1867, inaugurada pelo Barão de Mauá, para fazer a ligação de Santos a Jundiaí. Com isso, ocorreu “[...] a proliferação de indústrias [...] e elas tornaram o Bom Retiro essencialmente operário” (Dertônio, 1971, p. 13), uma vez que a estrada de ferro fazia com que indústrias se instalassem nos arredores e exigissem mão de obra.

Já em 1900, com a construção da Estação da Luz e o viaduto que uniu as ruas José Paulino e Couto de Magalhães, o bairro passou a se expandir com o comércio, fazendo com que famílias israelitas e de outras nacionalidades fossem morar, também, na região (Dertônio, 1971, p. 14). Dessa forma, o bairro do Bom Retiro ficou conhecido pela pluralidade desde o seu surgimento e, também, pelos seus diferentes fluxos de imigrantes, seja os italianos e israelitas, seja os portugueses, os japoneses, os sírios e libaneses, os turcos, os gregos, os iugoslavos e outros povos que passaram a conviver na região. Foi com a ascensão de Hitler no poder na Alemanha nazista que a comunidade judaica passou a imigrar e, no caso do Brasil, muitos judeus, de origem eslava e germânica, vieram para São Paulo e se estabeleceram no Bom Retiro, pois era um bairro mais barato e operário. Foram os judeus que deram ao bairro o modelo de produção de roupas em pequenas quantidades e fundaram a Casa do Povo, centro cultural símbolo do Bom Retiro. Já na década de 1960, muitos coreanos chegaram ao bairro, motivados a imigrar devido à Guerra das Coreias. Mais recentemente, em 1980, os bolivianos e paraguaios também passaram a fazer parte do bairro para trabalhar nas oficinas de costura (Folha, 2021).

Segundo Viggiani Júnior (2016, p. 2), “Diferentes classes sociais vivem no bairro, as relações sociais e culturais são assimétricas, mas é possível observar no Bom Retiro uma troca

cultural concomitante à luta pela preservação da cultura de origem”. Isso quer dizer que os grupos culturais no bairro buscam preservar seus traços identitários, mas as trocas não são impossibilitadas, pelo contrário: é um bairro múltiplo.

Segundo a revista britânica Time Out, em sua edição de 2021, a Rua Três Rios, no bairro do Bom Retiro em São Paulo, estava presente em um ranking de trinta posições que elencou as ruas mais legais e descoladas do mundo. O fato de fazer parte de um ranking como esse demonstra o quão plural, diverso e diferente esse bairro demonstra ser: seja pela gastronomia (com sua variedade de restaurantes, cafés e bares de diferentes estilos e tradições a depender da nacionalidade), pela cultura (seja as oficinas culturais e a Casa do Povo, com o seu apoio a artistas locais e engajada com a cultura do bairro), entretenimento e seja pela comunidade do entorno, é um bairro que possui suas próprias particularidades, justamente por ter uma relevância histórica para a cidade. Ao longo dos anos, foi remodelando-se e, atualmente, apresenta a característica de estar sempre em construção e mudança e em diálogo com os imigrantes já estabelecidos na região e outros que se estabelecem nos dias de hoje.

## **2.1. A Casa do Povo**

A Casa do Povo – ou Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB) –, centro cultural em São Paulo, faz uma relação entre arte, memória e o espaço urbano de São Paulo. É um lugar de encontros, onde o público possui relevância para manter a Casa em pé, já que é um espaço cultural, de convivência e de transformação social. Segundo o site institucional: “Nessa empreitada, o público não é alvo, mas participante ativo que, além de visitar, também propõe atividades fazendo do espaço um local de encontro, de formação e de experimentação: um monumento vivo” (Casa do Povo, 2023).

A Casa do Povo se destinava, inicialmente, à população judaica “progressista” originária da Europa Oriental que passou a ser residente do bairro do Bom Retiro, em São Paulo, e tinha como intuito preservar a sua história, lutar ativamente contra o fascismo internacional e homenagear àqueles que se foram de maneira violenta e totalmente desumana na Shoah – holocausto – nos campos de concentração do nazismo alemão que buscava dizimar os judeus (Casa do Povo, 2023). O centro cultural foi fundado a partir de uma associação cultural em 1946 e, em 1953, o prédio de estilo modernista com salões amplos capazes de se adaptarem a diferentes usos, projetado pelo arquiteto Ernest Carvalho Mange, foi inaugurado. Em 1960, no subsolo do prédio, o TAIB – Teatro de Arte Israelita Brasileiro – foi criado, “desenhado por Jorge Wilhelm com murais de Renina Katz, boca de cena de Abrahão Sanovicz e painéis de

Gershon Knispel” (Casa do Povo, 2023). O prédio na época recebia diversas atrações e nomes importantes da área cultural, artística e literária e atuava como um espaço de vanguarda, de debates e de resistência política. Ainda segundo o site da instituição:

Durante a ditadura civil-militar, a Casa do Povo se firmou como lugar de resistência cultural e política. Enquanto filhos e filhas de perseguidos políticos estudavam na escola com bolsas e nomes falsos, muitos espetáculos encenados no TAIB foram censurados e, alguns professores, presos e torturados (Casa do Povo, 2023).

Já com a crise no bairro na década de 1980 e o abandono do teatro TAIB inaugurado em 1960 (que contou com espetáculos diversos e um público entusiasmado anteriormente), e que permanece fechado até os dias de hoje, o centro cultural foi praticamente abandonado nos anos 2000, mas suas atividades foram retomadas por volta de 2012.

O centro cultural, após a retomada, se firma como um espaço experimental, de trocas, de pesquisa do espaço e da história do bairro, de apoio a projetos sociais, de valorização da arte e de preservação de memórias. Além disso, a Casa do Povo conta com um acervo de mais de 10.000 documentos em seu Arquivo e em seu acervo bibliográfico ídiche para conhecimento geral. Segundo seu site institucional:

Além de contar com uma biblioteca com aproximadamente 1.000 títulos, a Casa também possui uma coleção de livros raros com aproximadamente 4.000 em idioma ídiche. Entre os documentos existentes na Casa do Povo, há fotos de todos os períodos de funcionamento do espaço e das ações culturais aqui realizadas, documentos administrativos do funcionamento da Casa e das instituições que fizeram uso deste espaço, peças teatrais com seus programas, cartazes, imagens e roteiros que fizeram parte da história do TAIB, o acervo pedagógico do Ginásio Israelita Scholem Aleichem e diversos arquivos pessoais que colaboraram para o enriquecimento da cultura brasileira e judaica nos séculos XX e XXI. (Casa do Povo, 2023)

Desse modo, para preservar sua história, conquistas e memórias do passado, mas também a do presente em construção, o espaço cultural conta com um processo de arquivamento, por meio de “[...] fotografias, objetos e documentos que contam parte da história cultural da cidade, do Bom Retiro, da imigração judaica, da resistência à ditadura e da cultura ídiche” (Casa do Povo, 2023).

Sua missão se baseia em “[...] três palavras em ídiche, língua falada pelos migrantes judeus da Europa do Leste que fundaram essa casa em meados do século passado”: *Gedenk* - que significa memória e, de acordo com a Casa, que dizer um lugar “de memória viva, da instituição, do bairro, das migrações e das resistências”; *Farain* - que significa associação, ou seja, uma “plataforma em torno da qual se agregam iniciativas coletivas diversas, artísticas ou não”; e *Tsukunft* - que significa futuro, ou o espaço “que traz o futuro para o presente, desenvolvendo práticas experimentais” (Casa do Povo, 2023).

Atualmente, a Casa do Povo é um espaço de fomento cultural destinado não somente à comunidade judaica, mas também é um local de encontros entre diferentes grupos étnicos que já fizeram – e ainda fazem – parte do bairro, como é o caso dos italianos, bolivianos, coreanos, peruanos, gregos, búlgaros, paraguaios, poloneses, sírios, colombianos, entre outros, além de brasileiros e demais residentes da cidade de São Paulo, do bairro Bom Retiro e outros visitantes. A Casa do Povo, em parceria com o Coletivo Bom Retiro é o Mundo e Yarrow Global, possuem um podcast chamado Bom Retiro é o Mundo, original do bairro, que tem como intuito fomentar as diferenças e lutar por um bairro que seja sempre plural e diverso. Já em parceria com o Estúdio Zut, a Casa do Povo produziu um audioguia intitulado “Passeio sonoro pelo Bom Retiro” que inicia e termina na porta da instituição e perpassa pontos históricos importantes do bairro e para a própria memória do centro cultural.

A instituição, desde seus princípios, tem a missão de agregar pessoas, de ocupar e de se apropriar do bairro. Com essa iniciativa, buscam celebrar as diferenças existentes no território e não deixar sobressair uma cultura hegemônica – não querem que o bairro se torne apenas um bairro coreano, por exemplo, pois há iniciativas e projetos do Consulado Coreano para chamá-lo de Koreatown junto às autoridades municipais, uma vez que a comunidade coreana é muito presente no bairro atualmente.

A Casa do Povo e seus parceiros buscam articular as diferentes histórias dos diferentes grupos étnicos no território; procuram trabalhar os conceitos de arte e cultura de forma ampla e que inclua as diferenças; buscam trabalhar nas temáticas do direito à moradia digna a preços acessíveis; o cuidado com a paisagem e a memória urbana; a preservação ambiental; a segurança alimentar e a convivência familiar e comunitária (Bom Retiro é o Mundo, 2023).

A instituição revisita e reelabora as noções de cultura, comunidade e memória. Fingermann (2019, p. 46), em sua dissertação de mestrado, define o que são espaços culturais e aborda sua aproximação entre a arte e o cotidiano e, mais especificamente, em relação a duas instituições em sua pesquisa: A Casa do Povo e o Fazendinho, que possuem o compromisso com o entorno e a realização de ações sociais e artísticas. Assim, sua investigação se mostrou relevante para este trabalho, de modo que os temas se conversam. Segundo a autora sobre a instituição cultural, o ICIB:

[...] nasce como um espaço de uso comunitário, e hoje, resiste como um vão livre, um espaço a ser ocupado, em uma construção contínua e cotidiana desse espaço de cultura que se chama Casa. Uma casa, como um lugar de abrigo (Fingermann, 2019, p.46).

O espaço cultural se diz um monumento vivo. Um monumento é aquilo que recorda alguma situação do passado, momento ou figura marcantes, é o ato de lembrar, perpetuar e recordar do que já se passou (Le Goff, 2003). Nesse sentido, a expressão “monumento vivo”

funciona como estar e se fazer sempre presente, de dialogar com as questões que acontecem no agora ou até mesmo reinterpretá-las. É vivo porque permite o contato cultural de diferentes formas no tempo presente. Segundo Fingermann (2019), é um espaço que convoca a sociedade a participar de forma ativa da construção da cultura e, com essa construção coletiva e esse monumento vivo, cria-se o sentimento de pertencimento, de urgência, de interesse. A autora ainda acrescenta que, como é um espaço pensado no outro, permite trocas e reinvenções constantes:

É deixar as portas abertas para que coisas, fora do esperado, aconteçam e transformem as propostas originais, e assim, possam, quem sabe, mudar o ambiente em que os espaços estão inseridos (Fingermann, 2019, p.60).

Ainda sobre essa questão da apropriação do espaço e a sensação de pertencimento quando há uma integração entre a comunidade do entorno e o território, a Casa do Povo tem um importante papel de ocupá-lo. Borelli *et al.* (2021), autoras de um artigo da Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales de 2021, focado em quatro coletivos juvenis de imigrantes na cidade de São Paulo e suas ações político-culturais na cena metropolitana, há uma relação com a presente pesquisa, uma vez que a Casa do Povo também possui essa ideia da ocupação da cidade e de realizar atividades diversas que envolvam a sociedade do entorno como forma de atuação política através dos coletivos que a habitam. Nesse sentido, para Borelli *et al.* (2021, p. 10): “Ocupar a cidade simboliza e codifica a presença dessas vozes e corpos, que se articulam com o objetivo de estar juntos e de construir pertencimentos comuns”.

Quando há essa articulação entre território e centro cultural, os debates e atividades buscam fazer a inclusão de diferenças e fazer uma transformação social. Algumas atividades que a Casa faz, são: produção de sabão, costura, edição de livros e revistas – como é o caso da revista Nossa Voz –, treinos de boxe, aulas de yoga, reuniões com a comunidade, clínica aberta de psicanálise, grupos de estudos, círculo de reflexões sobre judaísmo contemporâneo, coral, educação alimentar para crianças, biblioteca livre, clube de xadrez, parquinho gráfico (espaço de colaboração artística), Ocupeacidade (produção coletiva de ações artísticas nos espaços públicos da cidade), entre outras. Além de tais atividades, a Casa do Povo permite, também, apenas o estar. Estar em suas instalações, estar em seu jardim, estar por lá e olhar a paisagem e a vista do bairro, estar lá para ler, descansar. Não é um espaço público, mas é de uso comum.

## **2.2. Imersão na Casa do Povo e em seus projetos: a cultura, a cidade e a memória em movimento**

A entrevista não-estruturada<sup>1</sup> com o Coordenador de Acervos da Casa do Povo aconteceu em um dia na própria instituição e as informações foram anotadas para os resultados desta pesquisa exploratória. O coordenador de acervos foi escolhido pois está inserido ativamente na instituição e está diretamente relacionado à memória e história do centro cultural, já que realiza o planejamento, organização, arquivamento e proteção dos arquivos, documentos, obras e livros do local. A entrevista se fez necessária para que fosse possível tratar sobre as características do centro cultural, para entendê-lo e para comparar com o que é exposto no próprio site institucional e em outras pesquisas.

Segundo o Coordenador de Acervos da Casa do Povo, o centro cultural localizado no Bom Retiro é “secular, humanista e, por si só, já é um grande projeto de arte”. Caracteriza-se por ser um lugar comum, ou seja, possui uma vida em comum com os coletivos e é, também, um ponto de resistência contra o apagamento do tempo, já que possui um caráter histórico e, desde o momento de sua criação, foi construída para ser um lugar de memória ou, nas palavras do Coordenador de Acervos, “onde lembrar é agir” – tendo em vista que a comunidade judaica progressista a fundou para ser um espaço de luta contra o nazismo e fascismo e como homenagem e lembrança dos judeus que se foram de forma brutal e desumana na Segunda Guerra Mundial no Shoah, ou holocausto.

De acordo com ele, a Casa surgiu para destruir o fascismo, mas ele não foi totalmente destruído; então, sua fundação foi uma etapa a mais para vencê-lo – e até hoje continua sendo um foco de resistência, pois o fascismo não foi eliminado, não completamente. O que mantém a Casa do Povo é a atualização constante que ela sofre e sua construção coletiva. Foi a comunidade do entorno que deu essa importância para ela ser um lugar de memória para o bairro e para a história da cidade, uma vez que, durante seus anos de funcionamento e até hoje, é um lugar que pede por narrativas, por participação. Segundo o coordenador de acervos, “é como se as pessoas fossem o sangue, o pulsar de vida da Casa do Povo, e é essa convivência do comum que permite a alteridade”.

Diante desta fala, observa-se que a cultura se dá por meio dessa convivência entre as pessoas, de suas práticas, ou, como aponta a literatura, a cultura é “[...] uma ação que se dá de forma coletiva, para um bem comum” (Fingermann, 2019, p. 13). Admite-se, então, que a Casa

---

<sup>1</sup> As informações da entrevista foram concedidas pelo Coordenador de Acervos da Casa do Povo em 11/04/2023.



do Povo, enquanto espaço de cultura que pede constantemente por participação e ocupação de seus espaços, é um espaço socializante que permite, de maneira interventiva, a atuação de seus visitantes nas programações diversas que oferece.

Conforme as falas do Coordenador de Acervos em nossa entrevista, a instituição já fora ocupada, anteriormente, pelo Ginásio Israelita Scholem Aleichem, pelo Teatro Israelita Brasileiro (TAIB) e, como espaço de resistência, o PCB (Partido Comunista Brasileiro) já ocupou um andar do edifício da Casa durante a Ditadura Militar no Brasil, o que afirmava o posicionamento político de esquerda do centro cultural já naquela época, mas que, durante o momento de repressão, a Casa ficou por um tempo fechada pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Atualmente, nem a escola nem o teatro funcionam mais; porém, diferentes coletivos ocupam e se apropriam da Casa para realizarem suas atividades nos amplos espaços que foram projetados por Ernest Mange.

Ainda de acordo com ele, já foi pensado, anteriormente, em vender o edifício para a instituição privada UNIBES Cultural, mas a ideia não seguiu adiante, pois a Casa do Povo iria perder sua identidade e perder esse espaço aberto de experimentações e diálogos com a comunidade de forma ativa.

O fato de ser um espaço experimental é reforçado na pesquisa de Fingermann (2019), em que a autora, em suas pesquisas sobre a instituição, coloca que a Casa do Povo, enquanto local para uso comum, é “[...] um espaço de resistência para manifestações culturais, de artistas, ideias e vida” (Fingermann, 2019, p. 46).

Infere-se que, e de acordo com a pesquisa de Fingermann (2019), com o site institucional e com as falas do Coordenador de Acervos, se o espaço tivesse sido comprado por uma instituição cultural privada, como a UNIBES, as características essenciais da Casa do Povo desde o momento de sua criação não fariam mais sentido se a compra tivesse sido aprovada, uma vez que poderia perder sua identidade de ser um espaço aberto, um espaço autogerido, um espaço que abarca a diversidade – tanto a diversidade da própria instituição, como a do bairro –, apesar de que algumas ações da UNIBES Cultural também são gratuitas e inclusivas.

No centro cultural, segundo o entrevistado, não há regras nem leis, mas acordos, pois eles se dizem sociocráticos, ou seja, realizam discussões sobre diferentes temas e todas as opiniões são ouvidas para as decisões serem, enfim, tomadas. Há uma assembleia que reúne todos os coletivos participantes da Casa do Povo, que totalizam 25 em 2023. Tais coletivos são chamados de Povo da Casa, uma comunidade autogerida que, com base nos acordos, conseguem participar na vida institucional.

Segundo o Coordenador de Acervos, há diversas atividades que acontecem neste centro cultural, como o Coral Tradição, cantado exclusivamente na língua ídiche e liderado pela maestrina Hugueta Sendacz, que acontece desde a fundação da Casa do Povo; o grupo Mexa, de performance trans; Legítima Defesa, coletivo que aborda sobre as questões raciais na arte e poética, sobretudo em relação às pessoas pretas; a Biblioteca da Casa do Povo, reaberta após 40 anos; o coletivo Parquinho Gráfico, que faz experimentações artísticas; o coletivo de mulheres Sabão do Povo, que desenvolve produtos naturais e recebe óleo usado, doado e coletado para a produção de seus sabões; a ação Cesta Aberta, que visa a educação alimentar no território, entre outros.

Para a Casa do Povo, todos aqueles que fazem parte de suas atividades (o jornal Nossa Voz; o Coral; as ações voluntárias; as doações de alimentos; os grupos de dança, performance e experimentação; os coletivos artísticos e as demais ações) são todos considerados parte da cultura, e tudo o que é feito pela Casa é considerado arte para a instituição. Na Casa do Povo, a noção de arte é ampliada, pois não há limitação no significado de arte para apenas seus modos tradicionais de produção e criação (como o desenho, a pintura e a escultura). Arte, para o centro cultural, é parte de outras áreas da vida, parte da cidade, e está intimamente relacionada com tudo o que fazemos; por outro lado, a noção de cultura vai muito além do que apenas considerar a arte como elemento cultural, visto que tudo também é cultura, desde nossas vivências, aquilo que comemos e como preparamos o nosso alimento, nossa moradia, nossas atividades de lazer e até o nosso ato criativo são considerados cultura.

Segundo o Coordenador de Acervos, “estamos imersos num ambiente cultural mesmo em nossas vivências mais rotineiras”. É nesse sentido que ele reitera que a Casa se diz um organismo, não um objeto; é simples e complexa ao mesmo tempo. É como a vida, está em constante transformação e faz diálogos com o que acontece em seu entorno.

A entrevista não-estruturada traça um perfil muito mais amplo para entendermos sobre arte e cultura: elas são tudo o que fazemos em nossas vidas. Nesse sentido, arte e cultura são as ações que se relacionam com o momento presente e, também, com a ressignificação de momentos passados, porque “[...] a arte é um fazer, que se faz aqui e agora, não ontem ou amanhã; e faz objetos, que o tempo não traga e que permanecem presentes” (Argan, 2005). Assim, nota-se o caráter atemporal, social e político da arte e da cultura, que, a partir de nossas ações mais cotidianas, já estamos inseridos num ambiente cultural e artístico, como comentou o Coordenador de Acervos. Nesse sentido, entendemos cultura como “tudo o que produzido pelo ser humano, seja seus modos de vida, e organização enquanto sociedade, como as

produções artísticas e intelectuais e os hábitos cognitivos que desenvolvem” (Fingermann, 2019)

Segundo o entrevistado, a Casa do Povo possui três vertentes de ação:

- Povo da Casa (os coletivos que a habitam),
- Programação Acolhida e
- Curadoria.

Além dessas ações, o coordenador de acervos cita que a Casa do Povo contém cerca de 7 estatutos, e com eles é possível entender como a Casa foi mudando ao longo do tempo. É dividida em 7 círculos, sendo cada um deles um círculo autônomo, mas que se integra aos demais e à própria Casa. São eles que viabilizam o que é feito dentro da instituição:

- Acervo (área do entrevistado);
- Curadoria e programação;
- Produção;
- Articulação comunitária;
- Comunicação;
- Relação institucional e
- Operacional.

De acordo com o coordenador de acervos, o bairro do Bom Retiro passa, atualmente, por um momento de “disputa de memórias”, uma vez que, mesmo sendo uma região multicultural de São Paulo, com diversos grupos étnicos convivendo entre si, o nome da Rua Prates tornou-se Rua Prates-Coreia através de uma lei da prefeitura, como homenagem à comunidade coreana do bairro, mas que, por outro lado, a lei não considera a pluralidade do Bom Retiro e as diferentes nacionalidades de pessoas que moram ali. Com isso, o coordenador ponderou: “como um lugar de memória como a Casa do Povo se porta quando a memória está em disputa na atualidade? Pela arte, pela expressão, pois são ações políticas que não se calam”. E é isso que a Casa do Povo e seus coletivos vem realizando: ações para viabilizar uma visão de um bairro para muitos, seja a produção de cartazes, podcasts do Bom Retiro é o Mundo, o Passeio Sonoro pelo bairro para mostrar a multiculturalidade da região, entre outras.

Conforme relatado pelo entrevistado, o bairro, apesar de multicultural, vem sofrendo com a questão de ser transformado em uma “segunda Coreia”, excluindo outras culturas e etnias presentes no Bom Retiro e a própria atuação da Casa do Povo, que não se volta somente à

comunidade judaica hoje em dia, mas é plural e se direciona a todos de seu entorno em suas ações.

Como afirma Viggiani Júnior (2016), “Embora haja um fortalecimento da narrativa da harmonia pela exaltação das virtudes do lugar, ao se aproximar é possível verificar o conflito contido; o ambiente de harmonia aparente dissimula os conflitos sociais”. E isso se confirma, uma vez que, enquanto passantes ou visitantes da Casa do Povo ou do bairro, não percebemos essas inconsistências, esses conflitos de memórias, mas eles existem e são motivos de diálogo entre a Casa do Povo, o bairro, os moradores e a prefeitura.

Percebe-se que, ainda de maneira sutil, mas preocupante, o bairro está começando a ganhar uma aparência mais coreana, distinta da própria história plural do bairro, pondo à margem os outros povos e culturas que também convivem na região. Esse processo de mudança para um bairro mais coreano já começou com a Lei N° 17.760, que decreta e promulga: “Art. 1º Fica acrescido o nome Coreia à Rua Prates, Codlog 165816, no Distrito do Bom Retiro, Subprefeitura da Sé” (São Paulo, 2022). Além disso, há outros projetos para mudar o nome de outras ruas e da estação Tiradentes beneficiando, da mesma forma, a comunidade coreana.

No entanto, o entrevistado reforça na entrevista não-estruturada que, mesmo que a Casa do Povo tenha surgido como uma instituição judaica, hoje ocupa um bairro já não tão judeu assim, pois o que se teve ao longo dos anos foi uma convivência sem estabelecer rótulos e preconceitos, e a Casa acredita que, quando essas questões sobre a pluralidade forem realmente respeitadas, haverá um ponto em que não haverá mais distinção, pois todos conviverão sem essa disputa de memórias no bairro.

Os resultados obtidos com a entrevista se assemelham, de forma semelhante, com a pesquisa de Fingerhann (2019), que também utiliza da pesquisa de campo na Casa do Povo ao abordar sobre os aspectos principais da instituição enquanto um espaço de cultura, e de Viggiani Júnior (2016), em que trata sobre as discussões sobre a pluralidade do bairro.

### **2.2.1. Observação da Casa Do Povo**

Além da entrevista com o Coordenador de Acervos da Casa do Povo, realizamos, também, uma observação de seus ambientes. Nas visitas à instituição<sup>2</sup>, percorremos seus andares e fizemos registros e anotações.

---

<sup>2</sup> As visitas à Casa do Povo para realizar a observação de seus espaços aconteceram em dois dias diferentes: uma no dia 06/04/2023, e a outra no dia 10/05/2023.

Por ser uma pesquisa exploratória, buscamos realizar essa observação para entender a dinâmica dos espaços da instituição e relacionar com a bibliografia utilizada na pesquisa e com o que foi dito na entrevista não-estruturada com o Coordenador de Acervos, já que, de acordo com ele, a Casa por si só já é um grande projeto de arte, seja por sua arquitetura moderna e por conter arte em suas paredes, instalações artísticas ocupando o prédio e em seu acervo, seja na disponibilização de suas grandes salas para diferentes coletivos atuarem com suas ações artísticas e comunitárias.

A visita com fins acadêmicos aconteceu em dois dias distintos, de maneira individual. No momento de chegada na Casa nos dois dias visitados, a recepção foi feita pelo segurança que se encontrava no saguão principal. De maneira muito amistosa, explicou como o centro cultural funciona; comentou das atividades que estavam acontecendo nos andares e que a Casa, em parceria com o coletivo de empreendedorismo feminino Sabão do Povo, tem uma produção significativa de sabonete artesanal (líquido e em barra) – o carrinho que expunha os produtos estava na entrada da Casa do Povo – e que, naquele primeiro dia da visita, a instituição estava na preparação de alimentos para pessoas em situação de vulnerabilidade.

A começar por sua entrada, há a obra em neon “Assim Elas Comemoram a Vitória”, visível de sua fachada, de Yael Bartana, uma artista israelense que, após pesquisar o acervo da Casa do Povo e encontrar um folheto de 1946 que trata sobre a fundação do centro cultural e que fazia um convite aos judeus recém-chegados ao bairro para participarem da instituição, se depara com a frase “assim eles comemoraram a vitória”, em referência à vitória contra o nazifascismo. Dessa forma, a artista buscou fazer uma reinterpretação ao colocar o tempo verbal no presente, para abarcar as lutas dos dias de hoje, e a trocar o pronome para a forma feminina, em diálogo com as pautas feministas e a imaginação de uma sociedade matriarcal (figura 1).

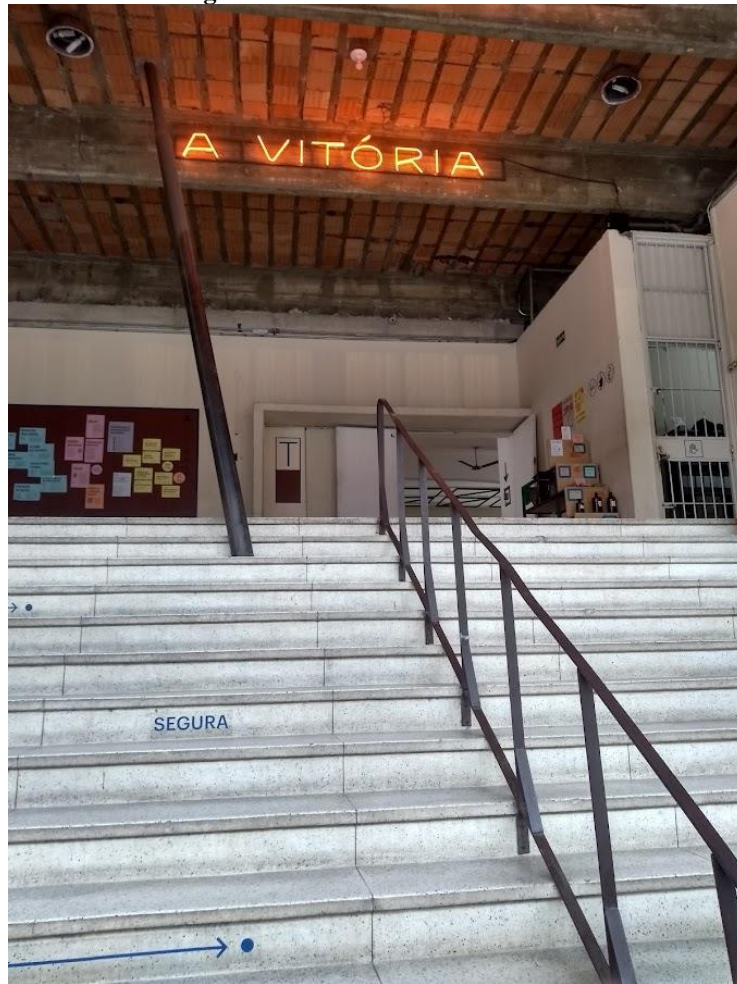
**Figura 1** - Fachada da Casa do Povo.



Fonte: acervo da autora (2023).

Adentrando no edifício, no saguão principal, subimos as escadas que levam ao andar térreo e conseguimos ver o carrinho da venda do Sabão do Povo ao lado direito, encostado na parede; o mural à direita e ao fundo com informações em papéis coloridos pertinentes à programação e às atividades oferecidas pela instituição e um mastro de ferro, obra de arte de Renata Lucas chamada “Andar de cima”, à direita na foto, que atravessa dois andares da Casa e foi criada entre o período de eleições de 2018 sobre os ataques à democracia no Brasil (figura 2).

**Figura 2** - Entrada da Casa do Povo.



Fonte: acervo da autora (2023).

O que o Coordenador de Acervos comentou sobre a Casa ser um grande projeto de arte, também se comprova quando percorremos seus andares. As paredes são cobertas pelo trabalho de 2018 do artista plástico Rodrigo Andrade, com o nome "50 Tons de Vermelho", em que formas fluidas e orgânicas em diferentes nuances da cor vermelha estão espalhadas até o último andar (figura 3).

**Figura 3** - Formas orgânicas do trabalho do artista Rodrigo Andrade preenchendo as paredes dos andares da Casa do Povo.



Fonte: acervo da autora (2023).

Em seu processo criativo, o artista deixou os contornos em lápis ainda visíveis, mesmo após o término de seu trabalho com as cores já pintadas (figura 4).

**Figura 4** - Detalhe de "50 Tons de Vermelho", do artista Rodrigo Andrade.



Fonte: acervo da autora (2023).



Nesse sentido, e de acordo com as pesquisas no site institucional e na entrevista não-estruturada com o Coordenador de Acervos, a Casa do Povo se mostra um local de experimentação, convidando artistas da cena contemporânea para realizarem seus trabalhos artísticos na Casa.

No último andar, no teto-terraço do prédio (como a própria Casa o chama), encontra-se o Jardim, que permanece aberto para visitação no horário de funcionamento da instituição. De l , olhando pelos v os dos muros que rodeiam o espaço,   possível observar a cidade de São Paulo e parte das montanhas da Serra da Cantareira (figura 5).

**Figura 5** - Jardim no teto-terraço da Casa do Povo.



Fonte: acervo da autora (2023).

Além disso, no mesmo andar do jardim, encontra-se a sala de boxe aut nomo, onde conseguimos ver sacos de pancada de diferentes tamanhos que se destinam a tipos específicos de treinos; tapetes, ringues, um espelho e, nas paredes, pôsteres, quadros e banners de importantes jogadores e movimentos atrelados ao esporte (figura 6).

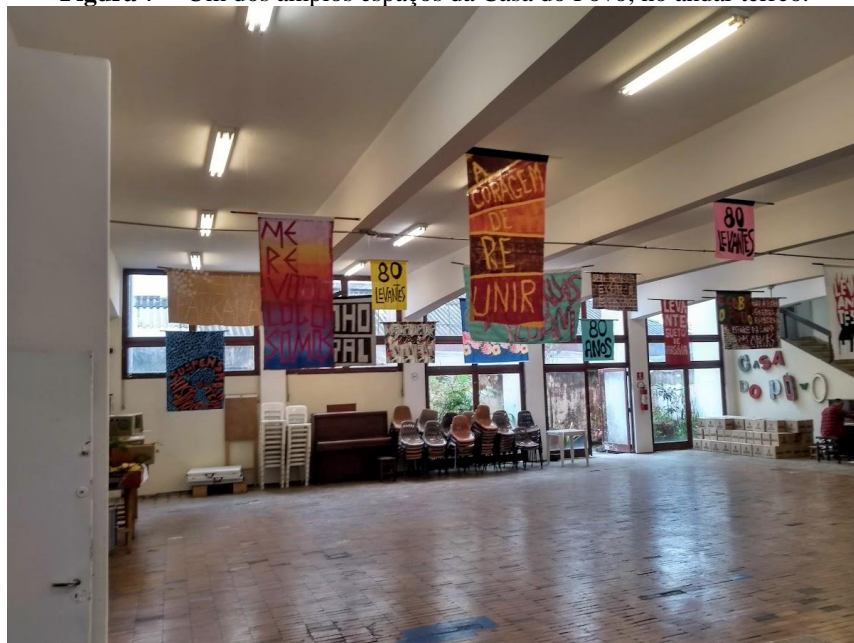
**Figura 6** - Sala das aulas de Boxe Autônomo da Casa do Povo.



Fonte: acervo da autora (2023).

No dia da segunda visita, a Casa do Povo tinha bandeiras em comemoração do Levante do Gueto de Varsóvia, um movimento de resistência da instituição que completa 80 anos em 2023 e surgiu desde a inauguração da Casa, sendo um movimento de resistência da comunidade judaica no último gueto localizado na cidade de Varsóvia. As bandeiras estavam penduradas em seus amplos espaços, já que a celebração aconteceu de 19 de abril a 16 de maio de 2023. Aliás, é nos amplos salões do Centro Cultural que acontecem suas atividades e onde os coletivos podem realizar suas ações (figura 7).

**Figura 7** - Um dos amplos espaços da Casa do Povo, no andar térreo.



Fonte: acervo da autora (2023).

Já o Acervo da Casa do Povo possui muitos livros, documentos, murais e obras de arte que contam a história e memória da instituição e das atividades culturais que aconteceram ao longo dos anos em seus espaços (figura 8).

**Figura 8** - Acervo da Casa do Povo.



Fonte: acervo da autora (2023).

Nota-se que, no dia visitado, como a Casa estava em comemoração aos 80 anos do Levante do Gueto de Varsóvia, bandeiras também estavam penduradas nas prateleiras dos livros do Acervo (figura 9).

**Figura 9** - Detalhe do Acervo da Casa do Povo com as bandeiras do Levante do Gueto de Varsóvia.



Fonte: acervo da autora (2023).

Além do Acervo, a Casa do Povo também possui sua biblioteca com móveis projetados pelo coletivo O Grupo Inteiro, móveis estes que se adaptam aos ambientes da instituição e podem tornar a biblioteca móvel e acessível (figura 10).

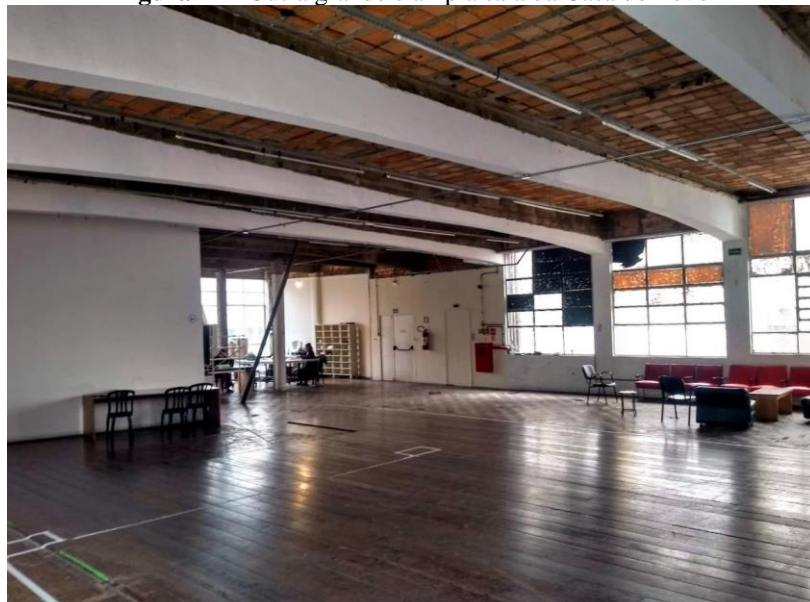
**Figura 10** - Parte da Biblioteca móvel da Casa do Povo.



Fonte: acervo da autora (2023).

Os amplos salões, comentados anteriormente, são uma das características principais da instituição, uma vez que são adaptáveis a diferentes usos e para diferentes ações, assim como afirmaram o Coordenador de Acervos na entrevista não-estruturada e o segurança da Casa do Povo nos dias da visita. É possível observar mais uma dessas grandes salas (figura 11).

**Figura 11** - Outra grande e ampla sala da Casa do Povo



Fonte: acervo da autora (2023).

Nota-se que a Casa possui grandes janelas em todas as suas áreas, o que permite a entrada de luz, deixando o ambiente mais claro durante o dia e a tarde e uma sensação de que o ambiente é arejado (figura 12).

**Figura 12** - Destaque para as grandes janelas da Casa do Povo.



Fonte: acervo da autora (2023).

Em relação ao prédio moderno projetado por Ernest Mange e de acordo com Fingermann (2019), o objetivo era aproximar a instituição do próprio bairro com seus amplos espaços e janelas “que se abrem para a cidade, o dentro e o fora trocam e respiram juntos, produzindo encontros” (Fingermann, 2019, p. 52). Na Casa, ao percorrer seus andares, percebemos que a história e a memória do que já se passou ali está intrincada em sua estrutura. Segundo Argan (2005, p. 35), quando o autor fala sobre como ressignificar as ruínas do passado, é necessário “devolvê-las ao status quo, trabalhando com imaginação”. Estabelecendo um paralelo com a análise de Argan sobre as ruínas de monumentos históricos, a Casa do Povo é uma herança do passado, porém, ela não ficou parada no tempo, é preenchida por atividades, pinturas, ações solidárias que a reavivam constantemente, por isso é chamada de monumento vivo, como o Coordenador de Acervos havia mencionado na entrevista, e é constantemente devolvida ao “status quo”.

### 3. PASSEIO SONORO PELO BOM RETIRO

O Passeio Sonoro pelo Bom Retiro, produzido pela Casa do Povo em parceria com o Estúdio Zut, é um audioguia que faz um percurso pelo bairro e tem o objetivo de retomar questões históricas e apontar as particularidades da região, sobretudo no que se refere às vozes e memórias de pessoas reais – os moradores e pessoas que frequentam o bairro há anos –, a darem seus depoimentos e visões sobre esse território multicultural e falar de suas vivências. O audioguia foi criado em 2015 para comemorar o aniversário da instituição daquele ano e segue disponível até hoje, no ano de 2023.

A própria instituição coloca que o audioguia funciona como um guia urbano, isto é, um roteiro que passa por 14 locais importantes do bairro, sendo alguns deles considerados até escondidos ou pouco notados. Para a pesquisa, foi elaborado um mapa que demonstra o roteiro realizado e os pontos mencionados nos áudios (figura 13).

**Figura 13** - Mapa: roteiro percorrido no Passeio Sonoro pelo Bom Retiro.

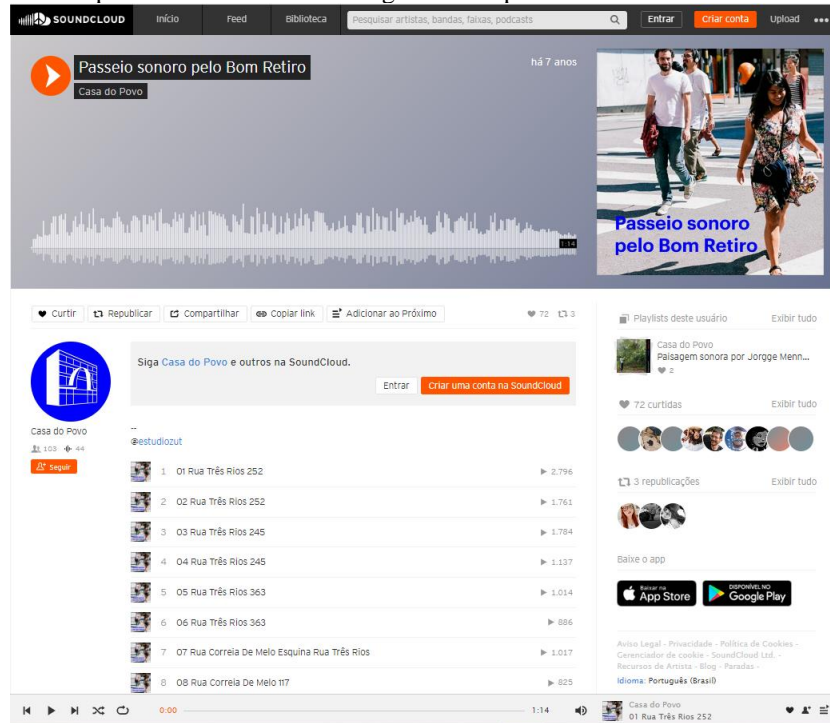


Fonte: <https://www.google.com/earth/index.html> (elaborado pela autora, 2023).

O passeio sonoro possui um tempo estimado de 55 minutos, tem como ponto de partida e término o próprio centro cultural e é gratuito. A playlist, com 36 faixas que variam de 20 segundos a 4 minutos cada, encontra-se na plataforma SoundCloud, em que qualquer pessoa

pode acessar se tiver acesso à internet e um aparelho eletrônico. O título de cada áudio tem como nome a rua e o número do lugar a ser visitado, o que facilita caso a pessoa se perca (figura 14).

**Figura 14** - *Printscreen* da plataforma SoundCloud onde é possível encontrar as 36 faixas do Passeio Sonoro pelo Bom Retiro de forma gratuita no perfil da Casa do Povo.



Fonte: <https://soundcloud.com/casadopovo/sets/passeio-sonoro-pelo-bom-retiro>.

A Casa do Povo recomenda o uso de fones de ouvido durante o percurso – uma vez que cada pessoa fica responsável por escutar e percorrer, de forma individual, o roteiro do áudio –, reforça a atenção com os pertences pessoais na rua e, também, faz um alerta para ter cuidado com o trânsito ao atravessar nas faixas de pedestres durante o caminho, já que é realizado inteiramente a pé. Antes da pandemia de Covid-19, a instituição disponibilizava, de forma gratuita e mediante apresentação de documento com foto, dispositivos e aparelhos sonoros para a realização do passeio; no entanto, segundo o site institucional, o empréstimo ficou temporariamente suspenso devido à crise sanitária, já que esta se estendeu do início do ano de 2020 até maio de 2023 quando foi declarado o fim da pandemia pela OMS.

De forma muito detalhada e com uma voz clara e calma, a narradora do audioguia, no momento do passeio, faz o papel semelhante de uma guia de turismo, pois conduz o visitante no caminho pelo bairro e suas ruas, indica os pontos mais significativos para a história do local e sua importância nos dias de hoje e apresenta os entrevistados para que eles contribuam de forma rica com suas memórias e experiências pessoais para a compreensão das características

do bairro, como se tudo isso estivesse acontecendo concomitantemente enquanto se caminha pelo bairro seguindo o roteiro.

Como a presente pesquisa exploratória visou trazer os conceitos sobre arte e memória relacionadas ao contexto do espaço urbano como direitos à cidade e, de forma mais específica, uma análise sobre a Casa do Povo onde esses conceitos são pungentes e trazidos à tona nas ações e atividades do próprio centro cultural e dos coletivos que o habitam, buscou-se encontrar uma ação específica da instituição em que esses conceitos pudessem ser vistos e entendidos de forma mais clara, isto é, em movimento. Dessa forma, encontramos esse audioguia produzido pela Casa do Povo que se conecta tanto com as questões discutidas – arte, cultura e memória na cidade –, como com o Turismo Cultural de São Paulo, especificamente do bairro do Bom Retiro, no centro da cidade e os roteiros possíveis nessa região multicultural.

O audioguia traz uma nova forma para se pensar São Paulo: de nos apropriarmos e ocuparmos essa cidade ao caminhá-la, escutá-la e observá-la. Não é à toa que os sons e ruídos da região também são incorporados ao audioguia, juntamente com a voz da narradora e dos entrevistados. Ouvimos, durante todas as 36 faixas, os sons gravados das conversas dos passantes nas ruas, sons dos pássaros, sons dos feirantes e lojistas vendendo seus produtos, sons de música dos estabelecimentos, sons dos carros e, também, de passos, como se alguém estivesse caminhando junto com você – mesmo que o percurso seja realizado de forma individual com o fone de ouvido pessoal. E, conforme a realização do roteiro proposto pela Casa do Povo, além dos sons gravados adicionados nos áudios, também escutamos os sons do bairro em nossa própria vivência. Nesse sentido, os sons registrados da região e os sons ouvidos por nós no momento de nosso passeio se juntam e, assim, foi possível ter uma real imersão no percurso.

O Passeio Sonoro pelo Bom Retiro<sup>3</sup>, como colocado anteriormente, tem início na Casa do Povo. Durante o caminho, nas faixas 1 e 2, a apresentadora coloca que podemos pausar o áudio, entrar nos lugares, se estes estiverem abertos, e conhecer um pouco mais se assim desejarmos.

No áudio 3 temos a primeira parada, saindo do centro cultural, onde está localizada a mercearia coreana que fica em frente à instituição (figura 15).

---

<sup>3</sup> Realizado em dois dias distintos, em 18/05/2023, com o grupo do quinto semestre de Gestão de Turismo da Fatec São Paulo juntamente com a professora-orientadora desta pesquisa, e em 25/05/2023, somente com uma colega do curso de Gestão de Turismo, do 6º semestre.



**Figura 15** - mercearia coreana localizada em frente à Casa do Povo, na Rua Três Rios.



Fonte: acervo da autora (2023).

Nessa etapa do áudio, os primeiros entrevistados se apresentam e tratam sobre a experiência com os produtos típicos coreanos no bairro, como, por exemplo, a bebida alcoólica chamada Soju que, antes da comunidade coreana se instalar no bairro, não era comum encontrar esse e outros tipos de produtos (figura 16).

**Figura 16** - Destaque para a bebida alcoólica coreana chamada Soju.



Fonte: acervo da autora (2023).

Durante o caminho, a narradora dá as direções a seguir para cada parada do percurso. Após a mercearia, somos conduzidos, com os áudios 4, 5 e 6, até a Oficina Cultural Oswald de Andrade, onde ficava a antiga faculdade de odontologia da Universidade de São Paulo, mas que hoje oferece cursos, exposições, apresentações de dança e de teatro. Interessante colocar que, no dia da gravação do audioguia, aconteceu uma performance – e a narradora nos pede silêncio, como se estivesse acontecendo no dia de nossa visita também; porém, no dia visitado, não aconteceu uma performance, mas uma exposição de artes visuais em uma das salas da Oficina. (figura 17).

**Figura 17** - Fachada da Oficina Cultural Oswald de Andrade, na Rua Três Rios.



Fonte: acervo da autora (2023).

No caminho, é comentado também sobre o Colégio Santa Inês, em frente à Oficina, um colégio tradicional do bairro com a arquitetura da fachada no estilo Art Nouveau (figura 18).

**Figura 18** - Fachada do Colégio Santa Inês.



Fonte: acervo da autora (2023).

Virando à esquerda na Esquina da Rua Correia de Melo com a Rua Três Rios e seguindo no sentido do trânsito, somos direcionados ao restaurante Dare com os áudios 7 e 8, também coreano, onde o entrevistado comenta sobre os pratos típicos que são servidos ali: carne bovina, peixe cru e o arroz com legumes, além de falar, também, sobre como agradecer em coreano pela comida servida. No primeiro dia de nossa visita, quando fomos num grupo de mais ou menos 15 pessoas, entramos no restaurante para conhecer o seu cardápio e o seu espaço. No segundo dia, realizado em dupla, não entramos, apenas registramos com uma foto a fachada do restaurante e seguimos o percurso (figura 19).

**Figura 19 - Restaurante Dare.**



Fonte: acervo da autora (2023).

Depois, somos orientados a seguir, com o áudio 9, em direção a uma das esquinas mais famosas e emblemáticas do bairro do Bom Retiro onde se cruzam as ruas da Graça, Ribeiro de Lima e Correia de Melo: o Pletzl que, em ídiche, quer dizer “pracinha”. Foi nessa esquina que os judeus ficavam, no passado, para conversar quando saíam das sinagogas e para fazer negócio – venda de giletes, compra de dólares, venda de relógios e outros produtos. Nessa etapa do percurso três pessoas são entrevistadas no audioguia, sendo uma delas uma senhora polonesa que é moradora do bairro há mais de 70 anos e deu suas contribuições de como o Pletzel funcionava (figura 20).

**Figura 20** - Placas da esquina das ruas da Graça, Correia de Melo e Ribeiro de Lima, onde ficava o Pletzl.



Fonte: acervo da autora (2023).

A narradora conduz, nos áudios 10, 11 e 12, depois de apresentar o Pletzl, até o Centro Comercial Bom Retiro, ou Shopping Bom Retiro, na Rua Ribeiro de Lima, o qual ocupa um quarteirão. Como ocupa uma quadra, o Centro comercial possui uma abertura na Rua Ribeiro de Lima e outra na Rua José Paulino, por onde saímos para chegar na próxima parada. Nesse espaço, o acesso é livre para entrar e o entrevistado nos áudios, um professor de arquitetura e urbanismo da USP, comenta de sua importância para a cidade de São Paulo. Esse centro comercial foi construído no final dos anos 1950 por um conjunto de imigrantes e capitalistas poloneses e é considerado moderno até hoje, pois se diferencia dos shoppings centers e galerias comerciais, uma vez que é um espaço aberto e público, ou seja, é possível ver o céu, os prédios ao redor e é possível realizar diferentes caminhos por suas lojas, tanto no andar térreo, como nas sobrelojas (figura 21).

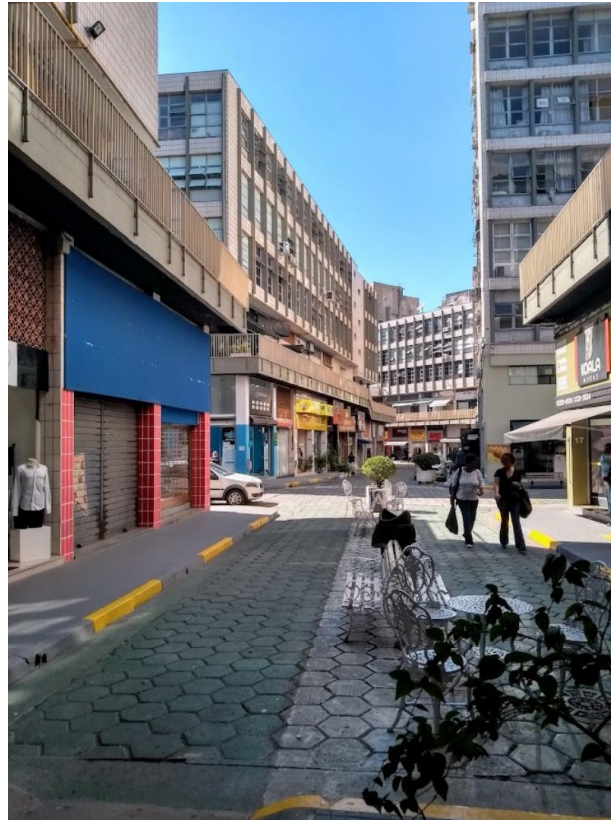
**Figura 21** - Entrada do Centro Comercial Bom Retiro.



Fonte: acervo da autora (2023).

Segundo o entrevistado do áudio, os prédios do centro comercial são propostos como uma continuidade das calçadas, o que permite um acesso mais facilitado no uso de seus espaços. Na visita realizada nos dois dias, percorremos a sua área e notamos que o projeto lembra, de certa forma, uma vila, uma vez que os espaços estão interligados. Se a narradora do audioguia não tivesse orientado para entrarmos, não saberíamos que era um lugar aberto a entrar para percorrer suas vielas, uma vez que passa uma sensação de ser um local privado, até por conter vigias na entrada do estabelecimento. No entanto, entramos sem maiores dificuldades e reparamos que é um local agradável que permite o estar, com seus bancos, mesas e cadeiras (figura 22).

**Figura 22** - Detalhe de “dentro” do Centro Comercial Bom Retiro.



Fonte: acervo da autora (2023).

Já a sexta parada do Passeio Sonoro pelo Bom Retiro é o Marco de Fundação do Sport Club Corinthians, localizado na esquina da Rua José Paulino com a Cônego Martins. A narradora, no áudio 14, explica que um grupo de operários com mais oito rapazes fundaram o clube, que tem o nome inspirado na equipe inglesa Corinthians Casual Football Club, e teve o seu primeiro treino num terreno alugado na mesma rua em 14 de setembro de 1910. O objetivo era ser um time popular, como ela afirma quando cita as falas do primeiro presidente do clube: “o Corinthians vai ser o time do povo, e o povo é quem vai fazer o time”.

O obelisco que representa o marco zero de fundação do time não se destaca na paisagem confusa da Rua José Paulino com as lojas, barracas que vendem os mais diversos tipos de produtos, com os vendedores comercializando os vestidos de festa na rua, com os passantes andando apressados e os carros que a atravessam. No primeiro dia da visita, realizada em grupo, se a narradora do audioguia não orientasse como fazer para chegar até o pequeno obelisco listrado de preto e branco, teríamos maiores dificuldades para encontrá-lo; no segundo dia visitado, sabíamos de sua localização e conseguimos encontrá-lo facilmente, até pela movimentação na rua não estar grande neste dia e horário. Vê-lo ali é uma surpresa interessante, já que resiste ao tempo – inclusive, foi reformado –, e marca a história dessa parte do bairro (figura 23).

**Figura 23** - Pequeno obelisco que representa o Marco de Fundação do Sport Club Corinthians Paulista, datado de 1º de setembro de 1910.



Fonte: acervo da autora (2023).

Continuando ainda na Rua José Paulino, o audioguia conduz, nas faixas 15 e 16, para outra galeria comercial, a Galeria Nova José Paulino. Mais do que apresentar as lojas desse espaço, a narradora pede que subamos as escadas rolantes para o primeiro andar, onde fica, em suas palavras, um lugar mítico: o restaurante Falafel Malka (figura 24).

**Figura 24** - Restaurante Falafel Malka.



Fonte: acervo da autora (2023).



Nesse áudio temos a contribuição de um entrevistado, que explica o que é esse restaurante, a importância para o bairro e, também, para a sua memória afetiva. Segundo ele, a Malka, fundadora do restaurante, é uma imigrante iemenita que chegou ao Brasil na metade dos anos 1970 e introduziu uma novidade no país: o falafel, um *snack* frito tradicional de Israel e também árabe feito de grão de bico que acompanha pão sírio, repolho, picles, berinjela em conserva, tomates e molho tahine, mas que foi adaptado com ingredientes brasileiros (figura 25).

**Figura 25** - Carro-chefe do restaurante: o falafel.



Fonte: acervo da autora (2023).

Depois dela, outros estabelecimentos em São Paulo começaram a vender falafel também. No dia da primeira visita com o grupo, uma das funcionárias recebeu o grupo de maneira animada, contando dos prêmios que o restaurante simples e modesto, mas muito conhecido, já recebeu. Já no segundo dia da visita, a filha da dona estava no local, nos recebeu de forma gentil, nos contou sobre os pratos típicos oferecidos no restaurante e comentou que sua mãe, já com 90 anos, não trabalha mais no local, mas que ela contribuiu para trazer a São Paulo um prato que até então não tinha e que, hoje em dia, já se tornou um ponto turístico no bairro do Bom Retiro pelo volume de pessoas que vão até o estabelecimento para conhecer. Além disso, citou as contribuições da Casa do Povo para a região, como trabalhar em conjunto com a comunidade e oferecer atividades agregadoras para a população, como é o caso do Passeio Sonoro pelo Bom Retiro.

Depois de passar pelo Falafel Malka, o audioguia na faixa 17 conduz pela Rua José Paulino e explica sua relevância para o bairro: é um local que, segundo a narradora, respira moda. É nessa rua que a maioria das confecções tem uma loja na rua, um estoque atrás e um ateliê em cima. Um entrevistado, que possui uma loja na região, conta como é a criação e produção das roupas.

Foi até esse áudio sobre a criação e produção de roupas na Rua José Paulino que a visita do primeiro dia conseguiu alcançar, pois, apesar de que havíamos pensado em fazer o trajeto em 55 minutos (tempo que a Casa do Povo estruturou a playlist e o roteiro), não foi o que aconteceu, já que demoramos mais de 55 minutos para percorrer apenas metade do audioguia. Parávamos de forma breve em todos os locais citados para conhecê-los até chegarmos na Rua José Paulino e, assim, o tempo foi prolongado mais do que o que fora anteriormente planejado no guia urbano. Em razão do horário, já que a aula do quinto semestre de Gestão de Turismo havia chegado ao fim, a visita com o audioguia no dia 18 de maio foi interrompida e retomada no dia 25 de maio, desde o início na porta da Casa do Povo para compararmos se seria possível realizar todo o percurso em 55 minutos.

Na sequência da Rua José Paulino, outra esquina é citada, nos áudios 18, 19 e 20, pela narradora: a da Rua Silva Pinto com a Rua Três Rios, pois possui relevância na história do Bom Retiro. Segundo a entrevistada, pesquisadora na área de História da Cidade e Urbanismo e sobre os territórios de prostituição em São Paulo, mais especificamente em relação ao Bom Retiro, contribuiu para contar sobre como a Rua Silva Pinto e próximo ao pontilhão da linha férrea, entre 1940 e 1953, funcionava uma zona confinada de prostituição feminina. Nesse período, na Rua Aimorés, ainda no bairro do Bom Retiro, ficavam as prostitutas de alto padrão e, na Vila Madalena, as de baixa renda. A entrevistada conta que, no momento de desativação da zona, foi um momento de confusão e conflito, já que as mulheres não queriam perder seu trabalho e moradia, demonstrando, assim, um bairro de contradições: se, por um lado, era um bairro familiar, dos imigrantes, das sinagogas e dos comércios, por outro era, também, um bairro que já teve, em sua história, uma prostituição bem marcada.

Passando por essa esquina e seguindo adiante, o guia urbano nos áudios 21 e 22 passa as informações sobre a próxima parada: a Vila Micheli Anastasi (figura 26).

**Figura 26 - Vila Micheli Anastasi.**



Fonte: acervo da autora (2023).

A entrada na vila acontece por uma passagem escura na Rua da Graça que, segundo a narradora, é um dos segredos mais bem guardados do bairro (figura 27).

**Figura 27 - Beco de entrada da Vila Micheli Anastasi.**



Fonte: acervo da autora (2023).

O local é uma vila operária construída no início do século XX para os trabalhadores de uma fábrica de bebidas da época, mas ainda hoje há pessoas que moram e trabalham ali. Diferentemente do que é colocado pela narradora do audioguia, não há nenhuma placa de sinalização que indique a entrada na vila. Como, no dia da visita, estávamos atentas ao percurso, pudemos notá-la, mas, num momento de desatenção, a vila passaria despercebida, ainda mais por não ser sinalizada.

No áudio, um dos diretores da Casa do Povo e morador do Bom Retiro também é entrevistado e comenta como o bairro, mesmo sendo antigo – como pudemos perceber com essa vila operária –, está vivo hoje e possui camadas que misturam o passado e o presente. Conta, ainda, que numa dessas vilas morou uma imigrante italiana que escreveu a música “Lampião de Gás”, chamada Zica Bergami, que faz referência à Rua da Graça.

Próximo à Vila Micheli Anastasi, na mesma rua, a apresentadora cita, nas faixas 23 e 24, o Restaurante Acrópolis, localizado embaixo de um pequeno prédio de dois andares, que serve pratos típicos gregos e é bem popular na região, principalmente aos domingos, quando é difícil fazer uma reserva (figura 28).

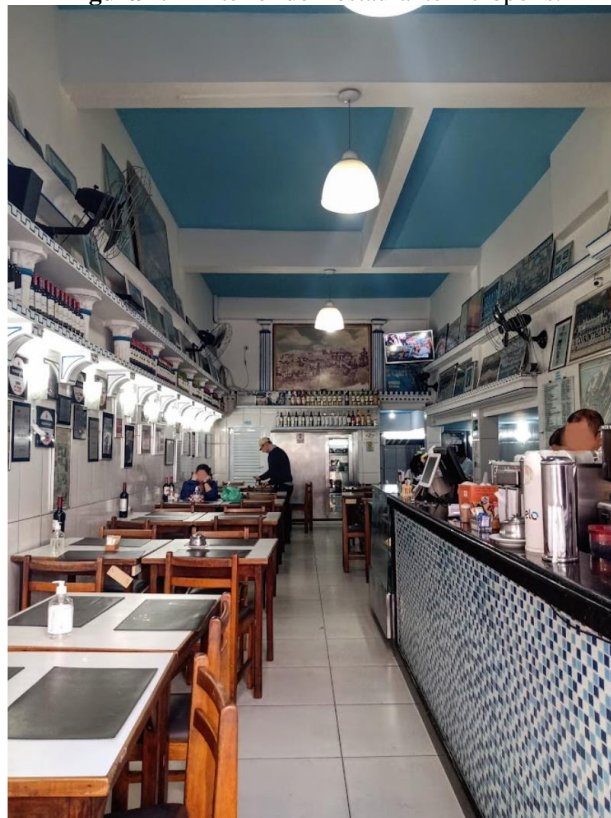
**Figura 28** - Fachada do Restaurante Acrópolis.



Fonte: acervo da autora (2023).

Cabe ressaltar que, no dia visitado, um funcionário do balcão de atendimento nos recepcionou de forma gentil, nos apresentou as donas do restaurante que estavam no local, permitiu os registros das fotos e nos convidou a entrar para conhecer a cozinha e os pratos que podem ser escolhidos dali. No interior do estabelecimento, é possível notar que o restaurante possui as cores da bandeira grega (azul e branco); vinhos e azeites; imagens e fotos que representam o país; na estante do lado esquerdo da foto, vemos bases de colunas que se assemelham ao tipo de coluna grega chamada coríntio; e, também, os prêmios emoldurados nas paredes já recebidos ao longo dos anos (figura 29).

**Figura 29** - Interior do Restaurante Acrópolis.



Fonte: acervo da autora (2023).

Seguindo o percurso narrado no audioguia, a apresentadora comenta sobre a Casa Búlgara na faixa 25, um estabelecimento que vende folhados, salgados e doces típicos da Bulgária desde a década de 1970. No dia da realização do passeio, não paramos para entrar no estabelecimento e seguimos ouvindo o guia urbano para a próxima parada, na esquina da Rua Guarani com a Rua Antônio Coruja. No áudio 27, a narradora comenta que nesse local ocorre, todas as quintas-feiras, a feira livre do Bom Retiro. Felizmente, no segundo dia da visita que fizemos em dupla, também em uma quinta-feira, pudemos percorrer a feira por toda a sua extensão enquanto ouvíamos, no audioguia, outro entrevistado, filho de bolivianos e chefe de cozinha que possui um projeto para divulgar a comida boliviana em São Paulo. Ele descreveu

um pouco de sua vivência no bairro do Bom Retiro, onde cresceu, onde sua mãe frequentava a feira, onde ele jogava bola na rua e frequentava o Colégio Dom Bosco, que tinha alunos de diversas nacionalidades. Em certos momentos do áudio, o entrevistado comenta da questão multicultural da região e coloca que o bairro “é uma mãe de braços enormes que recolhe todo mundo e todos os estrangeiros que vêm para cá” (figura 30).

**Figura 30** - Feira do Bom Retiro.



Fonte: acervo da autora (2023).

A próxima parada é o Emporium Brasil Israel, ou antes chamado de Merceria Judaica Menorah, localizado na Rua Guarani, indicada nos áudios 28 e 29 (figura 31).

**Figura 31** - Vista de fora do Emporium Brasil Israel (ou também conhecida como Mercearia Judaica Menorah).



Fonte: acervo da autora (2023).

Os produtos vendidos são relativos à cultura judaica e os novos donos permanecem seguindo o calendário judeu para a preparação dos pães e doces típicos. Na imagem podemos ver, no primeiro plano e, também no fundo à esquerda, o Challah, o pão trançado para as sextas de Shabat. Já ao fundo e no centro da imagem vemos o Beigale, outro pão judaico também trançado, mas em forma de círculo e menor que o Challah. Lá, é possível encontrar o vinho kosher, matzá na época de Pêssach, Challah nas sextas que começam o Shabat (inclusive, no dia da visita, uma quinta-feira, o pão trançado Challah estava à venda para ser comprado e consumido no dia seguinte), entre outros produtos (figura 32).

**Figura 32 - Pães típicos da comunidade judaica.**



Fonte: acervo da autora (2023).

Nesta parte do passeio, são três pessoas entrevistadas no áudio: duas que falam de suas experiências com os produtos vendidos ali, como o Beigale, os bolos de nozes, de mel e as conservas – sendo que um deles comenta que “tem gosto de infância”; e o outro é um rabino – líder religioso da comunidade judaica – da Sinagoga mais antiga de São Paulo, conhecida como Adat Ischurum (ou também como Shil da Vila), localizada numa pequena vila da Rua Prates e fundada em 1908 por imigrantes judeus poloneses. Segundo ele, quem chegava primeiro no Brasil e, conseqüentemente, no bairro do Bom Retiro, eram os homens que buscavam guardar algum dinheiro de seu trabalho para trazer suas famílias posteriormente e, dessa forma, os primeiros núcleos de oração judaica se formavam no bairro. Ainda segundo ele, a comunidade judaica começou a se expandir seguindo o princípio básico do judaísmo: cada pessoa ajuda o próximo, seja com a instalação, a moradia, dar o crédito, entre outros. Cabe notar, pelas falas do rabino, que cada Sinagoga possui vínculos e nomes distintos em relação à localidade de onde se originaram, dando como exemplos: a Sinagoga da Rua Prates era a dos lituanos, a da Rua Guarani era dos de Varsóvia, e assim por diante. No dia da visita, entramos na mercearia judaica e fomos muito bem atendidas e recepcionadas, uma vez que um dos funcionários explicou como era a produção dos pães e doces do local (confirmando o que foi dito no áudio, de seguirem o calendário judaico) e permitiu registros do estabelecimento.

Como não estava muito bem localizado com uma placa ou outro tipo de sinalização, conseguimos encontrar o estabelecimento porque a narradora havia informado o número e como chegar de maneira exata.



No áudio 30 e saindo do estabelecimento mencionado acima, a voz da narradora conduz pela Rua Guarani no sentido contrário ao trânsito até chegar na Rua Afonso Pena. Nesse momento, uma das entrevistadas comenta sobre sua experiência de frequentar um salão de beleza onde uma cabeleireira coreana, que não fala português, mas entende suas clientes por meio de uma comunicação que não é verbal, mas gestual. Nesse sentido, cabe estabelecer uma relação com uma das falas do rabino entrevistado nos áudios anteriores: o comércio é o trabalho que muitos imigrantes procuram ao chegarem num local novo, uma vez que, por meio da mímica e outros gestos, conseguem vender seus produtos ou serviços, mesmo que não conheçam a língua falada no local para onde migraram. Assim, cabe notar que, conforme ouvimos as entrevistas, tanto os judeus, como os coreanos e, infere-se que os demais imigrantes do bairro da mesma forma, mesmo não conhecendo a língua portuguesa, conseguiram fazer comércio e se estabelecer na cidade de um outro modo, utilizando de diferentes sinais e linguagens para se fazerem entendidos. Isso demonstra uma complexidade nas relações humanas do bairro, em que o contato entre as pessoas e as diferentes linguagens permitiram as trocas culturais.

No áudio 31, somos conduzidos pela apresentadora até chegar num prédio branco com detalhes vermelhos na varanda, onde era, anteriormente, a CadoPô, ou Casa do Politécnico. O diretor da Casa do Povo, que também contribui nessa etapa do audioguia, conta que, antes da reforma do prédio para se tornar a Torre da Memória e sede do Arquivo Municipal, passou por um processo de degradação. No entanto, sua história é marcada pelos estudantes que ali tinham aulas e que frequentavam o bairro e o bar dos artistas, próximo à CadoPô, local este que, segundo o entrevistado, “a palavra se liberava e, de certa forma, resistia à ditadura militar” que acontecia no Brasil (figura 33).

**Figura 33** - Antiga CadoPô, a Torre da Memória nos dias atuais.



Fonte: acervo da autora (2023).

Seguindo para os áudios finais, numerados de 32 a 36, a narradora orienta para seguirmos até a Praça Coronel Fernando Prestes e atravessá-la, para estar em contato com as árvores, o chão antigo de paralelepípedos, notar a estação Tiradentes da Linha 1 Azul do metrô de São Paulo que desemboca na Praça, a movimentada Avenida Tiradentes, por onde passam os carros, a Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora e, no outro lado da Avenida, o Museu de Arte Sacra (figura 34).

**Figura 34** - Praça Coronel Fernando Prestes.



Fonte: acervo da autora (2023).

Segundo o diretor da Casa do Povo, também entrevistado nesse momento do audioguia, a praça “é um ponto de passagem obrigatório” e mostra três cidades em uma, sendo uma delas uma cidade colonial remanescente, representada por edifícios nos quais a arquitetura ainda era feita de taipa, como a igreja no outro lado da avenida, representando uma São Paulo mais antiga; a outra, uma cidade mais europeia com os tijolos, o chão de paralelepípedos e os prédios históricos com arquitetura eclética e neoclássica; e uma cidade moderna e contemporânea representada pelas rodovias e os carros, sendo que, nesta última, ele a chama de “a cidade do carro parado”. Cabe ressaltar que esses pontos visitados e em especial com essa última fala do diretor da Casa do Povo, na cidade de São Paulo, há uma mescla do novo com o velho, do Brasil com outras nacionalidades e das memórias afetivas construídas sobre esses lugares. Estamos construindo uma quarta cidade no presente com tudo aquilo que já conhecemos e as novidades que estão surgindo. O que fazemos hoje terá impacto no amanhã e perdurará, assim como no Bairro do Bom Retiro perdurou, e continua a ser um bairro vivo.

Antes do retorno final à Casa do Povo, a última parada é na Casa de Doces Burikita, hoje localizada na Rua Três Rios, mas que surgiu na Rua Ribeiro de Lima nos anos iniciais do bairro com os imigrantes judeus que se estabeleciam na região. Os entrevistados nessa etapa contam dos doces de maçã, folhados de nozes e merengue de morango e como hoje se tornou um lugar em que os judeus se encontram para conversar, assim como faziam anteriormente no Pletzl.

Já no último áudio, na faixa 36, a narradora se despede, já que o ponto final é, também, na Casa do Povo. Nos momentos finais do áudio, ela convida para realizar outro percurso, em outro audioguia, específico sobre a instituição. No entanto, este áudio não se encontra disponível no site institucional, nem no SoundCloud e no site do Estúdio Zut, empresa que realizou a parceria para a criação do Passeio Sonoro pelo Bom Retiro. Mesmo entrando em contato com um dos colaboradores da Casa do Povo, não obtivemos resposta se este outro roteiro estaria disponível em outra plataforma; logo, provavelmente, ainda não foi produzido.

De maneira geral, o Passeio Sonoro pelo Bom Retiro, produzido pela Casa do Povo, permitiu a realização de um percurso inusitado, saindo um pouco dos pontos culturais já conhecidos e consagrados da região – como a Pinacoteca, o Museu de Arte Sacra, o Sesc Bom Retiro, entre outros – e buscando trazer outros locais, esquinas e ruas simbólicas que se mantêm até os dias atuais.

No entanto, cabe reforçar algumas características: a playlist do passeio tem a duração de 55 minutos, porém, o caminho percorrido com as paradas estratégicas nos pontos mencionados faz com que o roteiro dure mais do que o tempo planejado para sua realização.

No primeiro dia em que realizamos o passeio, com um grupo de cerca de 15 pessoas, notou-se uma dificuldade de todos estarem com o mesmo áudio ligado ao mesmo tempo, ou seja, enquanto uma pessoa estava em determinada etapa do áudio, outras já estavam nos próximos áudios ou em áudios anteriores. Essa foi a maior dificuldade encontrada, já que o grupo era grande e a checagem para saber da localização para seguir, esperar para que todos já tivessem ouvido para passar para a próxima parada e as trocas entre o grupo criou empecilhos para finalizar o áudio em 55 minutos – como mencionado anteriormente no texto, neste tempo percorremos apenas a metade do trajeto. Uma alternativa para isso seria uma única pessoa ter o controle do botão de “pause/play” de todos os envolvidos. Assim, quando fosse um momento de parada, todos teriam seus áudios interrompidos ao mesmo tempo, ou, quando fosse para retornar o percurso, todos voltariam ao mesmo áudio, sem haver o desalinhamento que aconteceu na visita para esta pesquisa.

Contudo, cabe ressaltar que, quando realizado em apenas duas pessoas, como aconteceu no segundo dia de visita ao bairro, a fluidez foi maior, inclusive no que se refere ao ouvir os áudios no mesmo momento e seguir sem maiores dificuldades para os próximos pontos mencionados, apesar de que também não foi possível realizar em 55 minutos, mas sim em 2 horas contando com todas as paradas, velocidade do passo e conversas com as pessoas e passantes pelo caminho.

Interessante mencionar que, apesar de a narradora alertar para o cuidado com os pertences na rua, justamente pela questão da segurança pública que é bem deficiente em São Paulo, não tivemos uma experiência insegura. O medo inicial de andar pelo bairro logo se dissipou, uma vez que é tranquilo, há muitos passantes nas ruas durante o período da tarde e, caso tivéssemos alguma dúvida e perguntássemos para uma pessoa ou funcionário de algum estabelecimento, eles prontamente respondiam de maneira cordial e receptiva. Apesar dos alertas, não presenciamos nenhum tipo de risco ou falta de segurança em nenhum dos dois dias de realização do Passeio Sonoro.

Como parte da experiência do caminhar pela cidade, o audioguia, ao trazer entrevistados que contribuíram com suas memórias e vivências na região, a experiência pelo bairro como visitantes, enquanto ouvíamos os áudios, foi enriquecida sobremaneira. Percebemos, pelas narrativas gravadas, que é um bairro múltiplo, com muitas identidades, com diferentes formas de existir e com questões afetivas intrínsecas desde o momento de sua formação. Nota-se o esforço da Casa do Povo em inserir diferentes vozes que contam a história do Bom Retiro, e não em fixar-se na história de um único grupo. Lugares da comunidade judaica, coreana, boliviana e grega foram citados no guia urbano, demonstrando, assim, as características

multiculturais do bairro. Assim como acontece na instituição, em que a participação da população é essencial para se manter funcionando, o audioguia demonstrou ser, também, uma criação coletiva, em que muitos participaram, inclusive o próprio diretor do centro cultural e morador do bairro. Para além dos entrevistados, o guia urbano digital precisa de pessoas que o ouçam para exercer sua função social de apresentar uma cidade múltipla. O audioguia permitiu um envolvimento social tanto no momento de sua produção, com as vozes reais dos moradores, como também na realização posterior do audioguia por diferentes pessoas. Ações como essas permitem que as pessoas se apropriem da cidade ao caminhar, ao parar para observar e conversar com outras pessoas.

Como a noção de arte e cultura para a Casa do Povo é ampliada, como foi colocado anteriormente, podemos considerar o Passeio Sonoro pelo Bom Retiro como um produto cultural e até artístico, pois evoca um olhar sensível e atento para locais que antes nem se imaginavam existir, ou até mesmo permitir um novo olhar para esses espaços e gerar interesse em conhecê-los. Somos agentes da constante transformação cultural das cidades e, quando saímos da posição de passividade e nos apropriamos dela, esta se mostra diferente, muda perante nossos olhos, é renovada e indica novas possibilidades de percursos e caminhos, uma vez que arte também é ação.

É preciso propor “[...] formas de experimentação e reinvenção de relações entre pessoas, cidades e memórias por meio de criatividade social, ação coletiva e práticas artísticas no presente” (Amaral, 2020, p. 64) para tornar as cidades menos injustas e mais humanas. Dessa forma, o Passeio Sonoro pelo Bom Retiro se firma como uma proposta social, acessível e gratuita pensada pela Casa do Povo – apesar de precisar de aparelhos eletrônicos e fones de ouvidos pessoais para funcionar – em que a cidade de São Paulo, mais especificamente o bairro, é repensado de forma criativa e onde as pessoas são inseridas. Com essas ações, é possível afirmar que a instituição promove uma democratização das memórias do bairro como um esforço de mantê-las vivas contra o próprio apagamento do tempo e, também, da ameaça de haver uma cultura dominante sobre as outras, já que

[...] se a memória é instância construtora e cimentadora de identidades, a sua expressão colectiva também actua como instrumento e objecto de poder(es) mediante a selecção do que se recorda e do que, consciente ou inconscientemente, se silencia (Catroga, 2015, p. 74).

Dessa forma, cabe reforçar que o próprio caminhar pela cidade já se coloca em contato com a arte e que permite a intervenção dos sujeitos no meio e a sua sociabilização de maneira que possam refletir sobre como nos é apresentado o espaço e sobre como podemos mudá-lo.

Argan (2005) afirma que a cidade é um objeto e, sendo um objeto, deve ser usada por todas as pessoas, mas de forma crítica, como coloca:

Trata-se, em suma, de conservar ou restituir ao indivíduo a capacidade de interpretar e utilizar o ambiente urbano de maneira diferente das prescrições implícitas no projeto de quem o determinou; enfim, dar-lhe a possibilidade de não assimilar, mas de reagir ativamente ao ambiente (Argan, 2005, p. 219).

O guia urbano analisado também contribui para o Turismo Cultural na região, uma vez que possui um roteiro definido dos pontos a seguir e pode ser realizado nos momentos de lazer quando o objetivo é conhecer mais sobre as particularidades culturais e da vida social da localidade, servindo como um produto muito interessante para o desbravamento de características únicas desse local. O Passeio Sonoro pelo Bom Retiro é um exemplo que outros bairros de São Paulo poderiam adotar para que as pessoas pudessem conhecê-los de maneiras diferentes, já que poderia servir como um produto cultural que, além do percurso realizado, permitiria, nos pontos de parada, comprar os produtos mencionados nos áudios e, assim, permitir a movimentação da economia da região.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Exercemos o direito à cidade quando conseguimos ocupar e nos apropriar da cidade, ou seja, quando temos acesso a ela e à produção social do espaço. Numa cidade tão grande como São Paulo, por exemplo, nem todos conseguem ter esse direito, visto que é uma cidade que enfrenta muitas desigualdades sociais e, com isso, o acesso é dificultado, gerando exclusões. A partir dos autores pesquisados nesse estudo, todos temos esse direito, já que, enquanto cidadãos, participamos da criação das cidades, fazemos parte de sua história e, por conseguinte, de sua memória.

A pesquisa sobre arte, memória e cidade possui ligação com os estudos do Turismo Cultural, pois, para muito além de uma atividade econômica, é uma atividade social, precisa de uma cidade para acontecer, precisa de pessoas para que se efetive e nada mais significativo do que estabelecer um vínculo entre a memória da cidade com o turismo, pois memória é história, memória é arte e memória é, em si, a própria cidade, e o turismo se beneficia com todos esses aspectos. Além disso, relaciona-se, também, com a Antropologia, visto que o homem é um ser social e está inserido num meio que o molda e é moldado por ele, e a esse processo também temos a cultura como parte fundamental e imprescindível.

Com esta pesquisa buscou-se trazer um levantamento acerca da relevância da Casa do Povo não só para o bairro do Bom Retiro, como também para a cidade de São Paulo. O centro cultural é um monumento vivo, um lugar de memória, de cultura, de arte e de história, estabelecendo uma ampla conexão com a memória da própria cidade e, de forma mais expressiva, com a memória dos diferentes grupos étnicos presentes no bairro (judeus, sírios, libaneses, coreanos, paraguaios, bolivianos, gregos, italianos, entre outros).

A Casa do Povo foi escolhida, dentre as diferentes opções disponíveis de aparelhos, equipamentos e atrativos em São Paulo – desde museus e outros centros culturais do governo do estado aos centros culturais privados –, pois é uma possibilidade cultural distinta na cidade, um espaço democrático voltado às artes e ao uso comum.

A Casa do Povo ocupa um prédio histórico e de relevância cultural para a cidade de São Paulo, pois atua como um monumento vivo e possui participação ativa no território, colocando-se como um espaço de encontros, de diálogo com o bairro e com as pessoas que nele moram e o visitam, além de contribuir para a transformação social. É relevante estudá-la sob o viés do Turismo Cultural e, também, antropológico, uma vez que a Casa do Povo está inserida dentro da esfera cultural, possui estreita relação com a política, promove a socialização e retoma questões históricas e artísticas desde o momento de sua criação, fazendo um diálogo com o

momento presente. Dessa forma, ao investigá-la, pode-se promover uma maior visibilidade para suas ações que reverberam para a inclusão, a socialização, a criação de espaços democráticos e dialógicos que inspiram iniciativas voltadas para o turismo cultural urbano.

A instituição busca democratizar o acesso de todos – moradores, visitantes e turistas – à cultura e ao lazer. É um espaço de encontro das diferenças, é de uso comunitário e permite uma participação ativa e cidadã em suas atividades e ações. Com a entrevista, pudemos notar características mais específicas sobre a Casa, entender sua construção ao longo do tempo e nos dias de hoje e compreender suas principais características quanto à sua organização e gestão. Já com a imersão em seus espaços, estabelecemos um paralelo entre o que foi dito na entrevista não-estruturada e a observação de suas estruturas, permitindo um olhar atento ao seu formato inovador de lidar com a cultura e a arte integradas ao bairro. O prédio não atua como um monumento estático: o constante uso de seus espaços e das obras de arte que são expostas em seus corredores e paredes faz com que a Casa se atualize constantemente.

O Passeio Sonoro pelo Bom Retiro produzido pela Casa do Povo e realizado e analisado nesta pesquisa após a imersão nos espaços deste centro cultural, buscou demonstrar que há um diálogo entre arte, as memórias e a história da própria instituição com o bairro, o que demonstra um esforço em democratizar o acesso das pessoas no território, permite a apropriação da cidade ao caminhar por percursos inusitados e, além disso, também pode ser um chamariz para o Turismo Cultural da região para atrativos antes não imaginados. O roteiro em si é um produto cultural que não só informa mas produz uma experiência de articulação entre arte, memória e cidade.

A presente pesquisa pode abrir margem para outras pesquisas em momentos futuros, uma vez que o tempo de execução da monografia é limitado e há questões que escapam aos limites de um trabalho de conclusão de curso. Ao final da última faixa do Passeio pelo Bom Retiro, a narradora diz que haverá um audioguia específico sobre a instituição, o que traria mais elementos para os nossos registros e reflexões.

Como sugestão de estudos futuros, há a possibilidade de se fazer uma análise que englobe as outras ações dentro deste centro cultural tão dinâmico e plural que é a Casa do Povo, já que, na presente pesquisa, procuramos primeiro contextualizá-la e descrevê-la com a imersão, para que, em seguida, conseguíssemos falar de sua atuação junto aos conceitos de arte, memória e cidade, dando ênfase ao Passeio Sonoro.

Sobre o Passeio Sonoro, para pesquisas futuras, sugere-se que, quando realizado novamente em grupo, sejam coletadas as impressões de cada participante por meio de questionários, já que são sujeitos ativos na realização e possível reconfiguração do roteiro. Além



disso, um estudo sobre a caminhabilidade no bairro utilizando o audioguia poderia ser interessante ao colaborar em pesquisas sobre a acessibilidade, a deriva urbana enquanto prática artística e estética e a psicogeografia no Bom Retiro, ou seja, como a geografia dos lugares mencionados pode influenciar nas emoções e memórias afetivas dos indivíduos que realizam o roteiro.

É possível afirmar que a Casa do Povo, enquanto uma instituição definida como um espaço comum, um monumento vivo e que possui ações democráticas que inserem pessoas em seus espaços, permite ser um espaço cultural cidadão, de trocas, de conexões, respeitoso e crítico de seu entorno, em diálogo com o bairro e as memórias construídas ao longo do tempo.

A Casa do Povo abarca a ideia de arte como provedora de experiências e é parte constituinte da memória coletiva e da história dos moradores de São Paulo. É com a arte no meio urbano que temos a capacidade de desenvolver nossas capacidades de fruição e interpretação do nosso entorno, do comportamento humano, de tempos passados e do presente, além de possibilitar a inclusão social e ter um alto poder educativo, conscientizador e político. Todas essas questões são catalisadoras para impulsionar a Casa do Povo a continuar existindo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Lilian. **Entre territórios: arte, memórias, cidade - (In)visibilidades urbanas.** Memoricidade. Revista do Museu da Cidade de São Paulo. São Paulo, SP: Museu da Cidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://geohereditas.igc.usp.br/wp-content/uploads/2021/05/Memoricidade.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2023.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BORELLI, S. *et al.* **Jovens imigrantes na cidade de São Paulo: ações político-culturais, vida cotidiana, resistências.** Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud , [S. l.], v. 19, n. 3, p. 1–23, 2021. DOI: 10.11600/rclsnj.19.3.4220. Disponível em: <https://revistaumanizales.cinde.org.co/rclsnj/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/4220/1100>. Acesso em: 21 jan. 2023.

BRASIL [Constituição de 1988]. **Artigo 215 da Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: 1988. Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/constituicao1988/arquivos/ConstituicaoTextoAtualizado\\_EC%20127\\_128.pdf](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/constituicao1988/arquivos/ConstituicaoTextoAtualizado_EC%20127_128.pdf). Acesso em 11 fev. 2023.

BOM RETIRO É O MUNDO. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/o-bom-retiro-e-o-mundo-um-podcast-original-do-bairro/>. Acesso em: 09 mar. 2023.

BUGLER, Caroline *et al.* **O livro da arte.** 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia.** Rio de Janeiro: Editora FGV de Bolso, 2015.

CASA DO POVO, 2023. **A Casa do Povo.** Disponível em: <https://casadopovo.org.br/sobre/>. Acesso em: 22 jan. 2023.

CASA DO POVO, 2023. **Acervos.** Disponível em: <https://casadopovo.org.br/acervos/>. Acesso em: 21 maio 2023.

DERTÔNIO, Hilário. **O Bairro do Bom Retiro.** São Paulo: Secretaria de Educação e Cultura, 1971. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/0B6iD9M7ZapwLWE41SWhNdFFzRTQ/view?resourcekey=0-Zv3HupjE\\_0qaSkzxxZNDwg](https://drive.google.com/file/d/0B6iD9M7ZapwLWE41SWhNdFFzRTQ/view?resourcekey=0-Zv3HupjE_0qaSkzxxZNDwg). Acesso em: 16 abr. 2023.

FINGERMANN, Elisa Touchon. **Espaços de cultura enquanto convocadores biopolíticos: a cultura se comunica como ação e não como adjetivo.** 2019. 65 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/22436>. Acesso em: 20 jan. 2023.

FOLHA de São Paulo. [s. d.] **A história do bairro do Bom Retiro.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2021/11/a-historia-do-bairro-bom-retiro/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

HODGE, Susie. **Breve história da arte: um guia de bolso para os principais movimentos, obras, inovações e temas**. 1. reimp. São Paulo: Olhares, 2021..

KORMIKIARI, Maria Cristina. **A importância da preservação de museus e patrimônio cultural**. YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hCtwj4eF4G4>. Acesso em: 09 abr. 2023.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2009. Disponível em: [https://monoskop.org/images/f/fc/Lefebvre\\_Henri\\_O\\_direito\\_a\\_cidade.pdf](https://monoskop.org/images/f/fc/Lefebvre_Henri_O_direito_a_cidade.pdf).

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2003. p. 419-526.

MAGNANI, José Guilherme. **Invisibilidades na dinâmica cultural urbana - entrevista com José Guilherme Magnani** [Entrevista concedida aos membros do Conselho Editorial da Memoricidade]. Marília Bonas, Marly Rodrigues, Maurício Rafael e Rafael Itsuo Tahakashi. Memoricidade, Revista do Museu da Cidade de São Paulo. São Paulo, SP: Museu da Cidade de São Paulo, 2020.

MATHIAS, José Ronaldo Alonso. **Antropologia e arte**. São Paulo: Editora Claridade, 2014.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de. **A cidade, as memórias e as vozes rebeldes**. Memoricidade. Revista do Museu da Cidade de São Paulo. São Paulo, SP: Museu da Cidade de São Paulo, 2020.

PASSEIO Sonoro pelo Bom Retiro. Locução de Lessa. São Paulo: Casa do Povo, 2015. Audioguia. Disponível em: <https://soundcloud.com/casadopovo/sets/passeio-sonoro-pelo-bom-retiro>. Acesso em: 18 maio 2023.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; ROCHA, Renata (Org.). **Políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34401/1/politicas-culturais-RI.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SÃO PAULO. **Lei N° 17.760, de 22 de março de 2022**. Dispõe sobre o acréscimo do nome Coreia na Rua Prates no Distrito do Bom Retiro. São Paulo: Legislação Municipal, 2022. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-17760-de-22-de-marco-de-2022>. Acesso em: 22 maio 2023.

SÃO PAULO (cidade). **Projeto de lei 0715/2020**. Altera a Lei nº 14.485, de 19 de julho de 2007, para incluir no Calendário de Eventos da Cidade de São Paulo o Dia do Pletzl, a ser comemorado anualmente no dia 10 de dezembro, e dá outras providências. Disponível em: <https://splegisconsulta.saopaulo.sp.leg.br/Home/AbrirDocumento?pID=236192>. Acesso em 28 maio 2023.

SÃO PAULO (cidade). Arquivo Histórico de São Paulo é ampliado e ganha nova sede. Secretaria Especial de Comunicação, 2020. Disponível em: <https://www.capital.sp.gov.br/noticia/arquivo-historico-de-sao-paulo-e-ampliado-e-ganha>. Acesso em: 28 maio 2023.

TV BRASIL. **Série Ruas de SP: A Três Rios é uma das ruas mais legais do mundo.** YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ofM5P0KcLSg&t=20s>. Acesso em: 01 jun. 2023.

VEAL, A. J. **Metodologia de Pesquisa em Lazer e Turismo.** São Paulo: Aleph, 2011.

VIGGIANI JÚNIOR, Edson. **Bom Retiro: imagens, culturas e identidades.** II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina. PROLAM, 2016. Disponível em: [https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/VIGGIANI\\_SP24-Anais-do-II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf](https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/VIGGIANI_SP24-Anais-do-II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf). Acesso em: 22 maio 2023